

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O OLHAR DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS SOBRE MULHERES
ESCRAVAS E NEGRAS NA COLEÇÃO BRASILEANA

BÁRBARA ANNE LOBO DE MELLO

SÃO CRISTOVÃO-SE
FEVEREIRO, 2015

BÁRBARA ANNE LOBO DE MELLO

**O OLHAR DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS SOBRE MULHERES
ESCRAVAS E NEGRAS NA COLEÇÃO BRASILEANA**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciada em História sobre a orientação do professor Carlos Franco Liberato.

SÃO CRISTOVÃO-SE

FEVEREIRO, 2015

BÁRBARA ANNE LOBO DE MELLO

**O OLHAR DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS SOBRE A MULHER NEGRA
BRASILEIRA NA COLEÇÃO BRASILIANA**

**Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada
em História na Universidade Federal de Sergipe – UFS, pelo professor.**

ORIENTADOR: CARLOS FRANCO LIBERATO

SÃO CRISTOVÃO, FEVEREIRO DE 2015

AGRADECIMENTOS

Neste momento tudo em mim é gratidão e amor. OBRIGADA DEUS E UNIVERSO.

RESUMO

O presente trabalho trata da visão do viajante sobre a mulher negra brasileira. O objetivo foi trazer as fontes como vozes do passado. A partir dos relatos feitos por esses viajantes estrangeiros pautamos nossa pesquisa na descrição de suas visões sobre a mulher negra escrava ou livre que aqui se encontrava. Foram utilizadas para a pesquisa transcrições de 15 obras da Coleção Brasiliana, onde buscamos descrever a imagem criada pelo viajante sobre a mulher, uma vez que o mesmo a fazia partindo de uma visão eurocêntrica.

PALAVRAS-CHAVE: viajantes; mulher; negra; escrava; livre.

ABSTRACT

This work deals with the traveler 's view of the Brazilian black woman. The goal was to bring the sources and voices from the past . From the reports made by these foreign travelers we base our research in describing his views on the slave or free black woman who was here . Were used for the research transcripts of 34 works of Brazilian Collection where we seek to build the image created by the traveler on women , since it was the starting of a Eurocentric view .

KEYWORDS: Traveler . Women. Black . Slave. free

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. AGASSIZ: BELEZA NEGRA.....	14
2. BATES: VIDA DE NEGRA.....	19
3. BIARD: O JEITO NEGRA DE SER.....	21
4. EBEL: NEGRAS, MULHERES SEM CARÁTER.....	23
5. EXPILLY: CAPRICHOS DE NEGRA.....	29
6. GRAHAM: VIDA DE NEGRA.....	51
7. KIDDER: AS NEGRAS E SEUS COSTUMES.....	57
8. KOSTER: AS NEGRAS NORDESTINAS.....	60
9. LEITÃO: DESCRIÇÕES DA MULHER NEGRA.....	65
10. LEITÃO: DESCRIÇÕES DE NEGRAS PARTE II.....	68
11. LEITHOLD e RANGO: COTIDIANO DA MULHER NEGRA.....	70
12. SAINT-HILAIRE: IDENTIDADE NEGRA.....	72
13. SAINT-HILAIRE: ESTATÍSTICA DA MULHER NEGRA EM SANTA CATARINA.....	74
14. SAINT-HILAIRE: ORNAMENTOS DA NEGRITUDE.....	76
15. SAINT-HILAIRE: A NEGRA E SUA SINA.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81

ÍNDICE DE FIGURA

Figura 1.....	16
----------------------	-----------

Memória é vida... Ela está sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, inadvertida de suas deformações sucessivas e aberta a qualquer tipo de uso e manipulação. Às vezes fica latente por longos períodos, depois desperta subitamente. A história é a sempre incompleta e problemática reconstrução do que já não existe. A memória sempre pertence a nossa época e está intimamente ligada ao eterno presente: a história é uma representação do passado.

Pierre Nora.

INTRODUÇÃO

Muito do que nós brasileiros e do que os estrangeiros pensam sobre o Brasil, se refere a imagens construídas por viajantes sobre o país desde o século XVI. Ao longo dos séculos, imagens positivas e negativas foram criadas sobre estas terras e suas gentes. Do povo brasileiro, indígenas, europeus e africanos, muito foi dito em termos de seus vícios e virtudes.

Relatos de viagem de estrangeiros que conheceram o Brasil, começaram a ser traduzidos a partir de 1930 pela Companhia Editora Nacional e foram publicados na Coleção Brasileira. Dada a importância desta coleção para os estudos históricos no Brasil, tentamos aqui reunir alguns destes autores, talvez os mais significativos, no que tange às suas descrições das mulheres negras, escravas ou libertas, do Brasil Colônia e, sobretudo, Império.

A história se constrói sobre o olhar, sobre o interesse de elucidar o desconhecido. Essa busca pela narrativa permitiu que memórias, diários e relatos de viagens se tornassem fontes importantes para nossa história e que frequentemente são utilizadas por historiadores em suas pesquisas.

No Brasil o olhar e os discursos dos viajantes europeus foi um dos elementos que ajudou a construir nossa identidade, construiu também a visão do caráter, perfil social, cultural e geográfico que se tem do brasileiro.

Durante quatro séculos, uma parte enorme de tudo aquilo que os europeus conheceram sobre os “novos mundos” que a partir do século XV, tinham sido descobertos e incorporados ao mundo europeu pela expansão marítima veio da literatura de viagens.

Os relatos de viagens são resultados de uma nova concepção de ciência gestada durante o século XVIII, o Século das Luzes, que lançou as bases para a ciência que se tornava cada vez mais laica. O impulso à exploração pelo interior dos continentes em substituição às navegações colocam o viajante, não mais como narrador –observador, ele é agora o responsável por um inventário da natureza e da sociedade das regiões por onde passa. É ele o responsável pelo alargamento das zonas de contato e da geração de representações sobre a natureza, a sociedade e cultura destas regiões.

No tocante aos viajantes os seus discursos, quer sentimentais, quer científicos, se localizam numa dimensão que Roland Barthes chamou de “mítica”.¹

¹ Roland Barthes. “O mito hoje”. In Roland Barthes. *Mitologias*. Trad.: Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 8ª ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 129- 178.

Para Barthes,

O mito possui um caráter imperativo, interpelatório: tendo surgido de um conceito histórico, vindo diretamente da contingência, é a mim que ele se dirige: está voltado para mim, impõe-me a sua força intencional; obriga-me a acolher a sua ambigüidade expansiva.

O discurso mítico para Barthes é um processo semiológico de “roubo e restituição”, onde a realidade é capturada, reelaborada e restituída com foros de verdade, uma “verdade melhorada”.

Independente do objetivo da viagem, houve um tipo de envolvimento com a população aqui encontrada e por força das intenções da estadia o viajante, não só registrou como manteve determinado relacionamento com muitos tipos nativos. Segundo BELLUZZO² (1996, p.10) “o olhar dos viajantes espelha, também, a condição de nos vermos pelos olhos deles” e de compreendermos uma história que diz respeito a nós; pois acreditamos sobretudo na contribuição do outro, no sentido de que: (...) “aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais.”³

É nesse contexto, que almejamos nesse trabalho mapear as fontes históricas que relatam o cotidiano, os trajes, trejeitos, trabalho, religião, papel social das mulheres negras e escravas no Brasil oitocentista, reunidas em obras da Biblioteca Pedagógica da Coleção Brasileira elaborados com informações baseados nas obras de pesquisa dos viajantes relacionados abaixo.

Os viajantes	País de origem	Nascimento e morte	Duração da viagem pelo Brasil
Agassiz, Luiz	Suiça	1807-1873	1865 a 1866
Agassiz, Elisabeth	Estados Unidos	1822-1907	1865 a 1866
Bates, Henry	Inglaterra	1825-1892	1848 a 1859
Biard, François	França	1798-1882	1858 a 1859
Ebel, Ernst	Letônia	1794-?	1824
Expilly Charles	França	1814-1886	1852 a 1862

² A. M. Belluzzo. A Propósito d'o Brasil dos Viajantes. Revista da USP / Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. Número 30. ISSN 0103-9989, Junho/Julho/Agosto, SP: USP, 1996

³ N. B. Peixoto. “O olhar estrangeiro”. In A. Novaes, et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 363.

Graham, Maria	Inglaterra	1785- 1842	1821 a 1823
Kidder, Daniel	Estados Unidos	1815-1891	1836 a 1837 1840 a 1842
Koster, Henry	Inglaterra	1793-1820	1809 a 1811
Leitão, Candido de Mello	Brasil	1886-1948	1886 a 1948
Saint-Hilaire, Auguste de	França	1779-1853	1816 a 1822
Leithold, Theodor von	Alemanha	1871-1826	1819

Fonte: Coleção Brasileira.

É necessário ressaltar que quase todos esses viajantes independente dos motivos da viagem ou mesmo dos Institutos de pesquisa que os financiava vão ao longo de suas narrativas fazendo considerações e observações carregadas de juízo de valor, com um olhar a partir de uma outra realidade. Mas independente disto, a riqueza de detalhes nas observações sobre a natureza, a população, seu cotidiano, suas festas religiosas e em especial pra nós sobra as mulheres são páginas preciosas de uma história que nos diz respeito.

Em cada viajante encontramos aspectos peculiares do olhar sobre a mulher negra no Brasil, o casal Agassiz por exemplo que apesar de abraçar a teoria da degeneração das raças, que foi matriz do racismo científico, descreviam as mulheres “de formas muito belas e *porte quase nobre*” [grifo meu].

Encontramos também o naturalista Henry Bates com sua visão apaixonada, chega a parecer eufórico em suas descrições, sempre observando fatos, costumes e hábitos em comparação com o mundo europeu.

O relato da vivência do pintor francês Biard no Brasil, exalta a beleza dos corpos das negras, chegando a dizer que “faz inveja as mulheres brancas”. O austríaco Ernst Ebel descreve as negras como mulheres feias e atribui a elas falta de moral.

O francês Charles Expilly que recria a história de Manuela do Bom Jesus, uma negra mina que trabalhava no “ganho” vendando frutas para os seus senhores e que, ao se apaixonar por um corretor pobre e estrangeiro, Fruchot, quase tão cativo quanto ela, se transforma em uma duquesa bronzeada.

A segunda mulher viajante de nossa abordagem, Maria Graham traz em sua obra a condição da mulher negra por aqui encontrada, descrevendo seu papel dentro da sociedade brasileira no período imperial.

O missionário metodista Daniel Kidder os costumes, as cenas cotidianas da vida, os sacrifícios a que eram submetidas as mulheres encontradas em sua viagem, Koster viajante inglês dono de engenho no nordeste pôde nos elucidar a vida das negras nordestinas dando detalhes de seus costumes, suas mandingas, seus atributos.

Cândido de Melo Leitão é o único brasileiro nessa coleção de obras de viajantes e isso se deve ao grande prestígio que conquistou ao compilar textos de viajantes ingleses que percorreram o Brasil. Tem duas obras selecionadas no nosso trabalho.

Os tio e sobrinho Theodor von. Leithold e Friedrich Ludwig von Rango vieram ao Brasil atraídos pela transferência da corte portuguesa, ao voltar a Alemanha os dois publicaram cada um com um livro seus relatos de viagem, que foram reunidos em uma só obra na coleção Brasiliana.

E por último temos as quatro obras do naturalista Saint-Hilaire, francês que percorreu cerca de oito mil quilômetros no Brasil, registrando a vida social, costumes, hábitos, belezas da sociedade brasileira e em particular da mulher negra.

Um estudo aprofundado com mais referências pode certamente nos oferecer maiores descrições, detalhes, elementos para constituir o perfil do olhar do viajante estrangeiro sobre a mulher negra. O olhar sobre os viajantes estudados nos dão ideia do quão profundo e vasta é a temática, resta-nos refletir sobre a importância desse olhar para a constituição da identidade da mulher negra nos dias atuais.

1. AGASSIZ: BELEZA NEGRA

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. São Paulo: Edusp, 1975 (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, Série V, Vol. XCV).

Publicação original:

Elizabeth Agassiz e Louis Agassiz. *Voyage au Brésil*. Boston: Tiknor and Fields, 1869.

Sobre os autores e a obra:

O naturalista suíço radicado nos Estados Unidos e sua esposa empreenderam uma das mais extensas viagens de estrangeiros pelo Brasil no século XIX, colhendo observações de extrema relevância que reproduzem nesta obra. O casal percorreu o interior do país, desde o Rio de Janeiro até a Amazônia, imprimindo com seu relato uma marca duradoura na história científica brasileira. O livro resultante destas viagens está organizado na forma de diário.

Negras, mulatas, mulher, escravas

[119]

25 de maio [1865] — Em todos os portos de mar, o mercado de peixes é o ponto favorito de Agassiz; há para ele aí um interesse todo especial, pela variedade e beleza dos peixes que todas as manhãs são trazidos. Costumo muitas vezes acompanhá-lo pelo prazer de ver os mostruários cobertos de laranjas, flores e legumes, e para observar os grupos pitorescos dos negros tagarelando e vendendo as suas mercadorias. Sabemos agora que esses negros atléticos, de traços corretos e tipo mais nobre que o dos negros dos Estados Unidos, são os minas, originários da província de Mina na África ocidental. É uma raça possante, e as mulheres em particular têm as formas muito belas e um porte quase nobre. Sinto sempre o mesmo prazer em contemplá-las, quer na rua quer no mercado, onde se veem em grande número, pois as empregam mais como vendedoras de frutas e legumes do que como criadas. Dizem que há, no caráter dessa tribo, um elemento de independência indomável que não permite empregá-la nas funções domésticas. As mulheres têm sempre a cabeça coberta com um alto turbante de musselina

[120]



... “esse chale serve tambem de berço”...

[121]

e trazem um longo xale de cores berrantes, ora cruzado sobre os seios, ora negligentemente atirado ao ombro, ou então, se faz frio, estreitamente enrolado em volta do busto, com os braços metidos em suas dobras. A diversidade de expressões que elas sabem, por assim dizer, tirar das diferentes maneiras de usar esse xale é de fato surpreendente. Há pouco, observei na rua uma negra alta e bela, admiravelmente bem talhada, que se mostrava presa de extrema agitação. Com gestos violentos ela afastava o

seu xale e atirava os dois braços para trás; depois, puxando-o violentamente para si, enrolava-o em volta do corpo e de novo o desenrolava em todo o seu comprimento; num movimento rápido, apertou-o ainda uma vez na cintura e, de repente, sem desprendê-lo, deu um tapa na cara do seu interlocutor; por fim, atirando o comprido xale para o ombro, foi-se orgulhosamente embora, com ares de uma rainha trágica. Quando é preciso, esse xale serve também de berço; enrolado frouxo em volta da cintura, recebe nas suas dobras o filhinho que, montado nas costas de sua mãe, adormece docemente embalado pelo balanço pronunciado dos quadris. A negra mina é quase sempre notável pela beleza dos braços e elegância das mãos. Parece bem que ela tem a consciência disso, porque traz geralmente aos pulsos braceletes apertados, de miçangas, cujas ricas cores dão realce à finura das mãos e se casam admiravelmente com o bronzeado e o luzidio de sua pele. Os homens dessa raça são maometanos e conservam, segundo se diz, a sua crença no profeta, no meio das práticas da Igreja Católica. Não me parecem tão afáveis e comunicativos como os negros congos; são pelo contrário bastante altivos.

[175]

Tive ocasião de assistir, faz alguns dias, nas proximidades do Rio, ao casamento de dois negros. O senhor tornara obrigatória então a cerimônia religiosa, ou, antes, irreligiosa, penso eu. A noiva, preta como azeviche, estava vestida de musselina branca e trazia um véu dessa renda grosseira que as negras fazem elas mesmas; o noivo vinha vestido de linho branco. A jovem nubente parecia, e acho que realmente o estava, muito pouco à vontade, porque estavam presentes muitas pessoas estranhas, e a sua posição não deixava de ser embaraçosa. O padre, um português de ar arrogante, olhar ousado, interpelou os noivos, e, com a precipitação menos respeitosa, lhes dirigiu algumas rudes palavras sobre os deveres do matrimônio, interrompendo-as várias vezes para censurar a ambos, e principalmente a ela, porque não praticava os ritos com tanta rudeza e brutalidade como ele. Mais com um tom de impreciação do que de prédica, ordenou-lhes que se ajoelhassem diante do altar; depois, tendo dado a bênção, gritou um amém, jogou ruidosamente o livro das orações sobre o altar, apagou os círios e despediu os recém-casados da mesma forma que teria expulsado um cão para fora da igreja. A moça

[176]

saiu, sorrindo por baixo de suas lágrimas, e a sua mãe, aproximando-se dela, espargiu-lhe na cabeça uns punhados de pétalas de rosa. Assim se cumpriu esse sacramento, no qual a graça única que me pareceu descer sobre a novel esposa foi a bênção materna.

[622]

O que desde logo me impressionou, vendo índios e negros reunidos, foi a diferença marcada que há nas proporções relativas das diferentes partes do corpo. Como os macacos de braços compridos, os negros são em geral esguios; têm pernas compridas e tronco relativamente curto. Os índios, ao contrário, têm as pernas e os braços curtos e o corpo longo; a sua conformação geral é mais atarracada. Prosseguindo na minha comparação, direi que o porte do negro lembra os Hilobatas esguios e inquietos, ao passo que o índio tem algo do orango inativo, lento e pesado. Está entendido que há exceções a essa regra, que se encontram negros curtos e atarracados bem como índios altos e esbeltos; mas tão longe

[623]

quanto pude levar as minhas observações, a diferença essencial entre as raças indígena e negra é a altura e a forma quadrangular do tronco, aliadas à curteza dos membros na primeira, e o arcabouço estreito, o tronco curto, as pernas altamente talhadas e os braços cumpridos na segunda.

Outro traço não menos impressionante, embora não afete tanto a forma geral, é o pescoço curto e as espáduas largas do índio; essa particularidade é quase tão marcada na mulher como no homem, tanto assim que vista de costas a índia tem inteiramente o aspecto masculino; essa semelhança se estende mesma a toda a fisionomia, pois os traços do rosto raramente apresentam a delicadeza feminina que se observa nas raças superiores. No negro, pelo contrário, a estreiteza do peito e dos ombros, característica da mulher, é quase tão marcada no homem. De sorte que se pode dizer que a mulher índia é notável pelas suas formas masculinas enquanto que o negro o é igualmente pela sua aparência feminina. A diferença, entretanto, proveniente da diversidade dos sexos não é tão marcada nas duas raças; a mulher indígena assemelha-se muito mais ao homem do que a negra ao negro; as negras têm geralmente os traços mais delicados que os homens de sua raça.

Se se passa ao exame dos detalhes que se relacionam com essas diferenças gerais, percebe-se que estão de inteiro acordo com elas. Entre a índia e a negra vistas de frente, a grande diferença consiste no afastamento dos seios naquela e sua estreita aproximação nesta; na índia, a distância entre os seios é quase igual ao diâmetro de um deles, ao passo que na negra estão quase em contato imediato um com o outro. E não é tudo: a forma mesma do seio difere muito nas duas mulheres; o da índia é cônico, firme e bem sustentado, e sua ponta de tal modo voltada para fora que o seio parece dirigido

[624]

para baixo das axilas; quando o peito é visto bem de face, o seio se projeta positivamente sobre os braços. Já o seio das negras é mais cilíndrico, mais solto, mais flácido, os bicos se dirigem para frente e para baixo, de sorte que, vistos de frente, se projetam sobre o peito. Na índia, a região inguinal é larga e nitidamente indicada pela saliência do abdômen; na negra é uma simples dobra. Quanto às pernas e os braços, são não somente muito mais longos, em proporção, na negra do que na índia, como também a forma não é a mesma e são diferentemente utilizados. As pernas dos índios são notavelmente apuradas; os negros são cambaios, e, neles, os quadris como a curva das pernas são habitualmente infletidos.

Diferenças análogas nas demais partes do corpo se observam nos índios vistos pelas costas: o intervalo entre os dois ombros é muito maior do que em outra qualquer raça, os omoplatas sendo relativamente curtos; nesse particular, a mulher não difere do homem e participa do traço característico da raça. Isto é sobretudo visível quando se olha o indivíduo de perfil: as espáduas largas e redondas desenharam o contorno superior do tronco e se vão adelgaçando aos poucos num braço bem torneado, geralmente terminado por mão pequena, cujo dedo mínimo é notavelmente curto. No negro, pelo contrário, as omoplatas são compridos e situados mais próximos um do outro; as espáduas um pouco franzidas e estreitas; a mão desproporcionalmente comprida; e os vincos interdigitais se prolongam mais do que em outra qualquer raça. Sob esse aspecto, há poucas diferenças entre os homens e as mulheres; o corpo do negro possui músculos mais volumosos, mas é apenas pouco mais forte. No negro como na negra, uma vista de perfil nos mostra os seios e as costas formando saliência, aqueles para a frente e estas para trás do braço; o abdômen e as ancas têm uma obliquidade inversa e muito

[625]

pronunciada. As proporções entre o comprimento e a largura do tronco medidas, num paralelo entre as duas raças, dos ombros até a base do tronco, diferem a custo no índio e no negro; é o que torna tão aparente a diferença entre o comprimento relativo e a grossura dos membros.

2. BATES: VIDA DE NEGRA

BATES, Henry Walter. **O naturalista do rio Amazonas**. Tradução: Candido de Mello Leitão. São Paulo Companhia Editora Nacional, 1944. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, Série V, Vol. CCXXXVII)

Publicação original:

Henry Walter Bates. *The naturalist of the Amazon River*. John Murray, Londres, 1863.

Sobre o autor e a obra:

O entomologista Henry Bates chegou ao Brasil em 1848 e percorreu toda a bacia amazônica, coletando mais de 14 mil insetos. Esta obra é uma das mais conhecidas sobre a Amazônia, tem como subtítulo: Um registro de aventura, hábitos de animais, esboços da vida brasileira e indígena e aspectos da natureza abaixo do Equador, durante 11 anos de viagem.

Negra, mulata, mulher

[124]

Na cidade do Pará, o governo provincial concorre para o aumento do esplendor dos dias santos. As procissões que percorrem as ruas principais têm, em primeiro lugar, a imagem do santo e as de vários outros, pertencentes à mesma igreja, carregadas nos ombros de respeitáveis cidadãos, que voluntariamente se oferecem: às vezes vemos o nosso vizinho, o carpinteiro ou o açougueiro, gemendo sob o peso. O padre e os coadjutores precedem as imagens, com paramentos bordados e protegidos por magníficas umbrelas, ornamento que não é inútil aqui, pois o calor é muito grande, quando o sol não é obscurecido. De cada lado caminha longa fila de homens, com opas vermelhas, cada qual levando um brandão aceso. Atrás vai um regimento de infantaria com a banda de música, e atrás de tudo a multidão: a gente de cor limpamente vestida e conservando uma conduta circumspecta. As mulheres são sempre em grande número, com os bastos cabelos negros enfeitados de jasmims, orquídeas

[125]

brancas e outras flores tropicais. Vestem-se com os costumados atavios dos dias de festa, com blusas de gaze e saias de seda preta; no pescoço levam colares de contas de ouro que, nas escravas, são de propriedade das senhoras, que gostam de mostrar assim a riqueza.

À noite, quando as festas se passam nas praças em torno das igrejas dos subúrbios, há realmente muita coisa que admirar. Muita particularidade da terra e vida de seus habitantes pode ser então melhor apreciada. A graciosa igreja branca fica brilhantemente iluminada e a música, que não é de tons muito solenes, repercute através das portas e janelas. Grande número de negrotas bizarramente vestidas ficam no caminho que leva às portas da igreja, com tabuleiros de licores, doces e cigarros, que vendem aos que estão do lado de fora. A pouca distância ouve-se o ruído de dados e roletas armadas ao ar livre. Quando a festa tem lugar em noites de luar a cena é maravilhosa para o recém-chegado. Em torno da praça há grupos de altas palmeiras, e mais longe, acima das casas iluminadas, aparecem as copas das mangueiras, perto das estradas suburbanas, donde chega o eterno bulício da vida dos insetos. O suave luar tropical derrama maravilhoso encantamento

sobre o conjunto. Os habitantes estão todos nas ruas, com suas melhores roupas. As classes mais elevadas, que vêm gozar da alegria geral, estão sentadas em cadeiras, à porta de casas amigas. Não há uma ruidosa jovialidade mas uma alegria sossegada, que parece sentida por todos, com delicadas regras de cortesia entre todas as classes e cores. Vi um coronel em grande gala, do palácio do Presidente, dirigir-se a um mulato e delicadamente pedir-lhe fogo para acender o charuto. Quando termina a ladainha, tocam os sinos da igreja e uma girândola de foguetes sobe ao ar, tocam as bandas de música e os pares de

[126]

peessoas de cor começam as danças. As dez horas toca-se o Hino Nacional e todos se dispersam e sossegadamente voltam para casa.

[129]

Os negros do Pará são muito devotos. Construíram, aos poucos, uma bela igreja, por seu esforço exclusivo, sem auxílio nenhum. É a de Nossa Senhora do Rosário. Durante as primeiras semanas de nossa estada no Pará, eu encontrava frequentemente uma fila de negros e negras, tarde da noite, caminhando pelas ruas, cantando em coro. Cada qual levava na cabeça certa quantidade de materiais de construção: pedras, tijolos, argamassa ou tábuas. Vi que eram principalmente escravos que, depois de um dia pesado de trabalho, contribuíam um pouco para a construção de sua igreja. Todos os materiais tinham sido comprados com suas economias. O interior ficou terminado cerca de um ano depois, e está decorado com o mesmo luxo que as outras igrejas, construídas com muito mais dinheiro pelas velhas ordens religiosas há mais de um século. Anualmente os negros celebram a festa de Nossa Senhora do Rosário, e geralmente o fazem com completo sucesso.

3. BIARD: O JEITO NEGRA DE SER

BIARD. François Auguste. **Dois anos no Brasil**. Tradução: Mario Sette. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, Série V, Vol. CCXLIV)

Publicação original:

François Auguste Biard. *Deux années au Brésil*. Librairie de L. Hachette Et C, Paris, 1862.

Sobre o autor e a obra:

O pintor e naturalista francês descreve em sua obra as regiões do Brasil que visitou em 1858 e 1859, o Rio de Janeiro, o Espírito Santo e a Amazônia, desenvolvendo interessantes comentários sobre nosso país e alguns dos grupos indígenas que conheceu. O relato da vivência de Biard no Brasil, como não poderia deixar de ser em se tratando desse pintor, é recheado de cenas cômicas apresentadas por uma linguagem que tende ao sarcasmo.

Negra, mulata, escrava

[28]

Ao pôr o pé num cais, o dos Mineiros, escorreguei e quase caí ao mar; dali tomei a rua Direita, em parte

[29]

habitada por negociantes portugueses. Nela ficam a Alfândega e o Correio. As calçadas eram ocupadas pelas mais belas e altas negras que já conheci. Entramos na famosa rua do Ouvidor, rua francesa de ponta a ponta; os comerciantes ali estabelecidos denominam-na modestamente de rua *Vivienne*. A cidade, pode-se dizer, resume nessa artéria; ali se passeia e ali as damas exibem seus trajes.

[49]

Vi, certa vez, três mulheres

[50]

a falar com larga gesticulação, tendo uma à cabeça um guarda-chuva fechado, outra, uma laranja e a terceira um frasco. Deverão, talvez, a esse costume de conduzir tudo nas cabeças, os corpos geralmente bem feitos que possuem as negras; seus bustos salientes e seu modo gracioso de andar fazem inveja a muitas mulheres brancas e ricas.

[166]

Costumava frequentemente dar um pulo até ao centro da cidade. Em nenhum outro lugar vira a gente de cor trajar com tanto requinte como no Pará. As negras, e sobretudo

as mulatas, graças aos seus cabelos ondedos, fazem penteados de grande altura e que dispensam os pentes. No entanto todas elas usam vistosas marrafas de tartaruga. Por sua vez as flores entram muito nesses ornatos femininos das cabeças. Essas mulheres às vezes apresentam-se com certo agrado para as vistas, com seus vestidos decotados e sempre de tecidos brilhantes. Quando não ia às matas, partia cedo de Nazaré e, como o fazia no Rio, percorria o mercado à margem do rio. Grandes e pequenas embarcações encostam no cais e os compradores do alto da muralha descobrem logo o que lhes convém adquirir. É aconselhável realizar suas compras bem cedinho, pois depois de certa hora não se encontra mais nada que preste, principalmente carne.

4. EBEL: NEGRAS, MULHERES SEM CARÁTER

EBEL, Ernst. **O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824**. Tradução e notas: Joaquim de Sousa Leão Filho. São Paulo, Ed. Nacional, 1972. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, Vol. CCCLI)

Publicação original:

Ernst Ebel. Rio de Janeiro und seine Umgebungen im Jahre 1824 in Briesen eines Rigaer's. Gedruckt bey der Kayserlichen Akademie der Wissenschaften, St. Petersburg, 1828.

Sobre o autor e a obra:

O viajante austríaco Ernest Ebel morou no Rio de Janeiro, na época da fundação do império. Ele revela-nos observações interessantíssimas a respeito da cidade e dos seus arrabaldes. Seu valor é maior porque retrata a vida e a mentalidade da época, além de nos informar sobre uma série de questões pertinentes ao momento em que vive.

[12]

A custo encontramos o cônsul da Holanda, Sr. Hindrichs, a quem vínhamos recomendados e por quem fomos cordialmente acolhidos, contente eu de poder descansar um pouco antes de enfrentar o atropelo

[13]

da rua, do qual mal pode fazer ideia um europeu. O barulho é incessante. Aqui uma chusma de pretos, seminus, cada qual levando à cabeça seu saco de café, e conduzidos à frente por um que dança e canta ao ritmo de um chocalho ou batendo dois ferros um contra o outro, na cadência de monótonas estrofes a que todos fazem eco; dois mais carregam ao ombro pesado tonel de vinho, suspenso de longo varal, entoando a cada passo melancólica cantilena; além, um segundo grupo transporta fardos de sal, sem mais roupa que uma tanga e, indiferentes ao peso como ao calor, apostam corrida gritando a pleno pulmão. Acorrentados uns aos outros, aparecem acolá seis outros com baldes d'água à cabeça. São criminosos empregados em trabalhos públicos; também vão cantando em cadência. Mais adiante, passam dois aguadeiros, aos berros desafinados, mais uma negra vendedora de bananas e outra de confeitos os chamados “doces” apregoando ambas suas mercadorias também aos gritos. Vão elas ligeiramente vestidas: braços, fronte e pés nus. Tudo é transportado à cabeça, no que os negros demonstram tal habilidade que nenhuma gota derramam dos líquidos, isso sem ajuda das mãos ou qualquer outra e sempre a cantar ou a berrar. O barulho é aumentado por uma tropa de muares, carregada de café, a qual para em frente à casa, atravancando a rua; pior ainda: eis que surge enorme carroça de duas rodas, levando material de construção

[14]

e puxada por quatro bois, a qual faz um ruído ensurdecedor o das rodas maciças a girarem com o eixo como se serrassem pedras ou ferros. Por cima de tudo, o badalar contínuo dos sinos. É realmente para atordoar (8)⁴.

[25]

Conseguí finalmente instalar-me e começo a viver com relativo conforto. Por sorte encontrei boa morada na vizinhança do Sr. Hindrichs, a qual consta de 2º e 3º pavimentos de uma casa recém-construída, em rua movimentada e abrigada do sol, pelo aluguel mensal de 18 mil réis ou 90 rublos, o que aqui é barato (5).⁵ Não vás crer, todavia, quando falo de todo um andar, que isso signifique um correr de salas; muito pelo contrário, a maioria das casas no Rio tem apenas sobre a rua três janelas de frente ou portas, melhor dito, que abrem para pequenas sacadas em balanço com seus gradis de ferro, limitando-se o mesmo a uma única peça, por assim dizer, comunicante por duas portas envidraçadas com outro compartimento, que é uma alcova e faz as vezes de dormitório. A área

[26]

que sobra dá comumente para um pequeno pátio e consiste, além da cozinha de tipo econômico inglês, de escuros cubículos maiores e menores divididos por partições delgadas, os quais servem unicamente para quartos de criado, ou para despejo⁶. É uma disposição adequada ao calor, pois fica menos exposta ao sol, razão também para que o pé direito seja tão alto. Contudo, faltam a tais alojamentos as comodidades usuais e apenas uma pessoa pode neles morar confortavelmente. Assim, como acabo de descrever-te, é o meu dividido. O terceiro andar consiste num sótão propriamente, bem alto e com magnífica vista, por cima dos telhados vizinhos, do qual se veem os morros verdejantes que ficam dentro da área urbana. Como era tão fresco, logo o destinei para meu quarto de dormir. Mas, o mais difícil estava ainda por fazer, isto é: mobiliá-lo, pois, fora as paredes, nada há aqui que se possa alugar. Vi-me, portanto, obrigado a comprar todos os móveis e demais trastes necessários, o que me deu trabalho, mesmo com a ajuda de conhecidos daqui,

[27 e 28]

Figura

⁴ Os números entre parêntesis representam a numeração original da Coleção Brasileira. Uso as notas de pé de página para reproduzi-las. Nota 8: “De todas essas cenas foram captados flagrantes por quanto artista-viajante passou pelo Rio na época, copiando ou inspirando-se nas aquarelas do costumista português, Cândido Guilhobel (1787-1859), que as deve ter multiplicado como postais, já que mais de meia dúzia dessas coleções, variando de 30 a 60 figurinhas, chegaram até nós, procedentes quase todas do estrangeiro, uma delas datada de 1814. Também Ender as copiou e o tenente Chamberlain com elas enriqueceu suas estampas”.

⁵ Nota 1 (Obra): “O mil réis vale cerca de cinco rublos (Banko-Noten); portanto o real, meio kopek”.

⁶ Nota 2: “E. W. Fry, um comerciante inglês, desenhou a planta dos três pavimentos de sua loja à Rua Direita n° 66 (pelo visto uma das melhores), em que as partições internas no 2º comportavam seis quartos pequenos de dormir, cozinha e sala de jantar, dando esta para os fundos (manuscrito inédito na coleção do tradutor, de 1810 a 1843). Como observa R. C. Smith (“Arquitetura civil do período colonial”, Revista do DPHAN, v. 17, p. 11), os portugueses e brasileiros foram pouco dados a descrever como moravam; há que recorrer aos visitantes estrangeiros, tais como Arago, Luccock, Maria Graham e Ebel (um dos por ele citados) e, como sentissem a falta dos agradáveis interiores europeus, talvez exagerassem só vendo paredes nuas e peças sombrias”.

[29]

e me custou cerca de cem mil réis. Engajei imediatamente um negro para meu serviço, pois não há criados brancos. Pagava eu ao moleque 700 réis por dia. Ele me explorava em tudo e ainda por cima eu não podia contar com seu serviço a maior parte do tempo. Ocorreu-me então experimentar uma negra que soubesse lavar e passar a ferro: a lavagem da roupa no Rio não somente sai cara como a estragam pela maneira como é corada⁷. Nunca tive ideia mais feliz. Apenas pus um anúncio no “Diário” (4)⁸ o jornal da cidade foi-me oferecida por pessoa de confiança uma pretinha, a qual com seis mil réis, mais seu sustento diário, que eu generosamente supria com meia pataca ou 160 réis, saía-me por 11 mil réis (55 rublos) ao mês e eu dispunha de alguém que não somente me lavava a roupa como a consertava e, em caso de necessidade, entendia um pouco de cozinha, ficando em casa, de mais a mais, o tempo todo, para minha maior segurança (5)⁹.

[30]

Não rias, por favor, dessa tão chocante associação para teu conceito europeu. Posto que Delfina (não é este um lindo nome para uma preta?) tivesse uns dezesseis anos e fosse passavelmente bonita pouco se lhe dando, como te figurarás, esconder suas nudezas estava eu tão longe de enxergar nessa criatura uma mulher, que seu sexo, para mim, nem entrava em consideração. Meus conhecidos europeus, levaram-me na chacota a princípio, é verdade, mas em breve reconheceram essas vantagens e seguiram meu exemplo.

[46]

As mulheres são no geral feias e mesmo de corpo deixam a desejar, tendo forte tendência para a gordura, mas seus braços são comumente bonitos, os pés e as mãos pequenos, finos até, apesar de não se calçarem. Muitas são tatuadas ou marcadas no rosto com luas, estrelas e mais sinais característicos (28)¹⁰. A outras faltam-lhes os dentes incisivos de cima ou limam-nos em ponta, processos esses de embelezamento africano que as tornam francamente horrendas aos olhos de um europeu. Suas roupas consistem numa camisola sem mangas e numa anágua; as há, entretanto, que se vestem decentemente. As mais endinheiradas cobrem-se ainda com espesso manto de baeta e adornam suas negras gaforinhas [gaforinas] com flores e papéis recortados de cor. Consideram marca de beleza armarem tais ornatos bem

[47]

⁷ Nota 3: “Confirmam a observação vários contemporâneos que, graficamente, nos mostram como procediam as lavadeiras, batendo as roupas com furor para corá-las nas pedras dos riachos. Algumas iam mesmo da cidade às Laranjeiras devido à falta d’água no centro; segundo o referido comerciante inglês (E. W. Fry) em seu diário”.

⁸ Nota 4: “Antiga “Gazeta do Rio”. Como jornal semioficial, circulou de 1821 a 31 sob o título de “Diário do Governo”, de 2 de janeiro de 1823 a 21 de maio de 1824 e, como “Diário Fluminense”, a partir desta data.”

⁹ Nota 5: “O mesmo fizera Lady Cochrane no ano anterior, para conseguir lavadeira e criada (apud G. Freyre: *Inglêses no Brasil*, Rio, 1948, nota 126 à p. 289)”.

¹⁰ Nota 28: “Martius, Rugendas e Debret retratam lado a lado, as várias raças africanas, em suas esplêndidas estampas etnológicas, distinguindo-as por suas roupas e tatuagens”.

alto sobre a cabeça, qual um topete, e gostam de usar colares de pérolas vidradas, como também se enfeitam com peças miúdas de prata(29).¹¹

Todos os escravos professam a religião católica: as negras, principalmente, vão à igreja sempre que podem, paramentadas de conformidade com suas posses. O português que fala é um *patois* desagradável para os estrangeiros, difícil de entender mesmo pelos familiarizados com a língua

No que respeita à índole do negro em geral, a opinião é uma só: de nada serve tratá-lo bem. Há que mantê-lo sob severo controle: os homens sendo por demais inclinados à bebida, ao roubo e à preguiça; as mulheres, sobretudo aquelas Vênus Vulgívas tão difícil é moderar-lhes o instinto, que praticam seus atos com o maior des pudor. As consequências são as que se veem por toda parte, contudo raramente aparecem aqui caras tão viciadas quanto noutras grandes cidades europeias.

[50]

No que respeita aos mulatos, subiram eles um degrau como os negros nascidos cá, mas não são tão

[51 a 54]

Figura

[55]

numerosos; quanto ao sexo feminino, têm elas em regra corpos mais bem feitos que os das negras. Entre estas, o número de alforriadas é maior do que se crê e são facilmente identificáveis por andarem calçadas. Os homens usam chapéus. E, quanto aos selvagens autóctones, vi apenas alguns botocudos, remanescentes de tribo numerosa que desapareceu por motivo de moléstias. Algum tempo haviam sido aprisionados, mas, portando-se bem, terminaram postos em liberdade. Andam completamente nus, horivelmente desfigurados por suas orelhas pendentes e pelos discos que introduzem também nos lábios inferiores. A despeito de bem alimentados, parecem vorazes (34)¹². Vi igualmente mais de uma família de tapuias, pequenos de estatura e de feições rotundas mas bondosas. Sua tez é levemente acobreada e vestem-se como os negros. Andam em total liberdade e alguns trabalham no Arsenal. Aí também encontrei uns quantos chineses, engajados como operários, os quais, fisicamente parecem-se aos tapuias até nos olhos, porém têm-nos mais vivos e alongados.

[97]

Correu há dias o boato de que uma senhora, conhecida pela sua crueldade, havia morto a pancadas uma de suas escravas. A reação foi tão generalizada e rumorosa que as autoridades, informadas, deram-lhe ordem de prisão. É verdade que ela logo conseguiu

¹¹ Nota 29: “Debret (Tomo II, pr. n° 22) dedicou uma artística e minuciosa apresentação desses ornatos de cabeça, que as distinguem racialmente, assim como as tatuagens. Também nos mostra numa de suas estampas inéditas os mantos de baeta a que se refere o autor. Usavam-nos, sobretudo, as negras de Angola”.

¹² Nota 34: “Não faltam representações contemporâneas desses índios demonstrando como ainda faziam parte do panorama social da cidade. Maria Graham foi à Praia Grande (aldeia de São Lourenço) para vê-los. O príncipe de Wied, deles, deixou-nos numerosos desenhos publicados pela primeira vez em recente edição comentada de sua Viagem (Melhoramentos, São Paulo, 1969), bem mais fiéis, por sinal, do que os estilizados pelo gravador da edição original (Frankfurt, 1820)”.

sair; todavia por este exemplo se verifica que conduta assim escandalosa não passa sem punição. Contudo parece ser verdade e é curioso que quase todas essas desumanidades aqui praticadas contra o negro partam das mulheres. O elemento feminino da população trataria os escravos com mais dureza que o masculino (5).¹³ Que capítulo edificante não poderia escrever algum inimigo da mulher sobre qual seria a sorte de nós homens se o belo sexo também mandasse na sociedade!

[125]

Em casa de Herr Theremin vi pela primeira vez uma negra bonita que, abstração feita da cor, poderia servir de modelo para uma Vênus, tão

[126]

perfeita era de formas, como no porte e mesmo nos traços fisionômicos. Todavia, no caráter não difere vantajosamente de suas conterrâneas, por melhor tratada que seja pelo seu senhor. Voltei à cidade subindo pela Igreja da Glória que, situada numa eminência, goza de situação privilegiada. Também entrei na capela dos ingleses, a qual lhes foi autorizada em virtude de tratado, edifício simples mas cuidado, por dentro como por fora, e não distante do Passeio Público(6).¹⁴ Nela celebra-se o serviço religioso todos os domingos, que os aqui residentes observam com regularidade e afluência (7).¹⁵

[132]

Os três dias da Páscoa são aqui, como em todos os países católicos, dedicados aos exercícios religiosos. Na quinta-feira Santa, à noite, teve lugar a visita usual aos jazigos. Todas as igrejas estavam profusamente decoradas com infinidade de flores, expostas as pratas que possuem, das quais São Francisco de Paula tem a maior provisão e era tal a abundância de velas que, a claridade chegava a ofuscar. Em cada igreja, o corpo de Cristo, em tamanho natural, fora coberto com um véu. Os fiéis beijavam-no, depositando uma esmola na

[133]

bandeja de prata posta ao lado. Em frente às igrejas, sentavam-se muitas negras vendedoras de doces e frutas, enquanto o povo circulava numeroso pelas ruas até a meia-noite. Também o casal imperial, com sua brilhante escolta, visitou as igrejas a pé, alabardeiros formando-lhe ala à entrada, mas só demorava em cada uma o tempo de fazer suas orações. Pude ver nessa oportunidade grande número de mulheres, confirmando-se

¹³ Nota 5 (começa outro relato, volta as notas do início) O “dia seguinte” é a sexta-feira: o da procissão do Senhor Morto. Foi, pois, a imagem de Cristo, carregando a cruz, que Ebel viu, e não a de São José, nas duas ocasiões.

¹⁴ Nota 6: “Pelo artigo 12 do tratado anglo-português de 1810 foi permitida a criação de igrejas protestantes “contanto que se assemelhem a casas residenciais”. Primeira levantada na América do Sul, sua pedra fundamental foi lançada em 1819, à rua dos Barbonos, em terras da Mãe do Bispo, depois largo desse nome. Em fins do século foi reconstruída em estilo neogótico. Christ-Church, dedicada a São Jorge e a São João (os nomes dos monarcas reinantes) desde 1943 está na rua Real Grandeza”.

¹⁵ Nota 7: “O Rev. Walsh, entre 1828-29, achou-a, pelo contrário, descuidada e pouco frequentada (nunca mais de 40 assistentes). O citado Moore registra, porém, divertido, a 5 de julho, 1831, o escândalo do Capelão Crane ante a falsidade desta informação, bem como pelas demais anotações que aparecem à margem no exemplar das Notices, existente na “British Library””.

minha primeira impressão de que, entre as naturais do país, poucas mostram beleza de traços; em compensação não lhes faltam olhos bonitos, negros e expressivos. Sua compleição amarela e descorada, porém não as favorece. Deste ponto de vista, as mulatas, no geral, mostram uma coloração mais viva, em nada desagradável. Quanto às negras, pouquíssimas chamam a atenção; nenhuma que fosse comparável à de Theremin.

[189]

A educação das jovens ainda é mais desleixada, se possível, já que, até casarem, pouco saem de casa, salvo para ir à missa; contatos com o outro sexo são-lhes proibidos. A educação que recebem é das mães, não menos ignorantes, e das escravas. Raramente falam outra língua que a materna, quando muito entendem algum francês, e em matéria de música tocarão, quiçá, mediocrementemente o piano. A leitura lhes é de todo estranha, pelo que sua frequência oferece poucos atrativos, a menos que se goste de mexericos, no que elas são muito fortes e os praticam em sociedade com exasperante naturalidade.

5. EXPILLY: CAPRICHO DE NEGRA

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes no Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935 (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, Série V, Vol. LVI).

Publicação original:

Charles Expilly. *Les femmes et les mœurs du Brésil*. Paris: Charlieu et Huillery, 1863.

Sobre o autor e a obra:

Charles Expilly (1814-1886) veio ao Brasil com a mulher com a intenção de abrir uma escola normal, mas afligido por dificuldades acabou por tornar-se fabricante de fósforos. Seu livro trata das questões de raça, dos costumes e da vida íntima do Brasil. Libelo contra a escravidão, cujos martírios o autor denuncia, retratando as desgraças dos escravos infelizes e oprimidos.

Mulheres, negras, escravas e livres:

[19]

A escravatura ousa proclamar o seu direito de viver, direito esse que ela não se vexa de afirmar em nome do princípio democrata.

Que horrível blasfêmia!

Entremos na arena.

Experimentaremos estender o monstro por terra, e depois de haver desvendado os seus atos mais ocultos, sacrificá-lo impiedosamente no pelourinho da opinião pública.

Do papel confiado à mulher de cor, ao mulato, ao mestiço e à branca, na sociedade escravagista, ressurgirá por certo um ensinamento útil.

[34]

Nunca se viu no Brasil um branco casar-se com uma negra. Por mais forte razão, jamais uma branca consentiu em unir legalmente o seu destino ao de um negro.

Entretanto, um negro que possui um milhão será realmente tão negro como os seus irmãos da África?

[105]

Um timbre grave e doce, timbre de mulher, e uma acentuação mole, pastosa como a de um incroyable do Diretório, que traía uma africana e não uma crioula, feriram meus ouvidos cheios de uma zoadá esquisita.

[110]

Manuela estava em todo o esplendor da sua mocidade. Eu dava-lhe 25 anos. Era uma criatura alta, majestosa, cujas formas esplêndidas e corretas parecia terem sido modeladas em bronze. Poderia ter feito um *pendant* harmonioso com o magnífico negro que Girodet colocou no seu quadro a Revolta do Cairo. O seu rosto era sulcado por traços perpendiculares, como todos os de sua nação, que era a mina. Seus olhos claros e profundos refletiam ao mesmo tempo inteligência e energia. Seu colo, seus pulsos,

ornados de colares e pulseiras em ouro e coral, sua camisa bordada, seu vestido de xadrez, cheio de babados, seus cabelos vaidosamente enrolados no alto da cabeça e formando ondas nas fontes, um xale de cor espantada, jogado descuidosamente sobre os ombros, e cujas extremidades esvoaçavam atiradas para trás das espáduas, compunham, num conjunto pitoresco, uma fisionomia cheia de piedade e ao mesmo tempo grave e sedutora.

Achei-a bela, de uma beleza desprezível, mas real. Meus cumprimentos fizeram-na sorrir.

– Eu sabia bem que Manuela te agradaria, disse Fruchot. A beleza não é motivo de convenção. Ela

[111]

está onde existe, a despeito da cor. Os portugueses são bastante estúpidos para não serem sensíveis a esta verdade eterna. Tanto pior para eles. Quanto a mim, declaro não ter visto no Rio mulher nenhuma digna de ser comparada a Manuela. Ela é tão boa e dedicada quanto bela, e eu a amo com todas as minhas forças.

– O senhor é muito justo, observou a negra com uma entonação cheia de franqueza e dignidade, que me levaram a fazer dela o melhor conceito.

A datar desse dia, fui tratado por Fruchot e por Manuela como teria sido por um irmão e uma irmã dedicados.

Eis de um só lance a história da negra e do meu antigo camarada de Charlemagne. Chegada aos 14 anos, no Império, Manuela foi vendida a um rico proprietário de Mata-Porcos, que a entregou à sua esposa. Esta fez dela a sua mucama.

Em outro ponto, observei o espírito rebelde e o caráter independente dos pretos mina. Afirmei que a sua natureza não se amoldaria bastante às exigências do serviço doméstico. Foi preciso, então, renunciar a empregar a jovem escrava dentro de casa.

A quinta do sr. Madrinhão possuía um pomar, onde bananas, laranjas, cajás, pitangas, abacaxis, figos, etc. cresciam em abundância. Confiaram um tabuleiro a Manuela, e todas as manhãs ela ia à cidade carregada das frutas da quinta.

[112]

O feitor fixava um preço para a perfumada mercadoria. Desde que a soma estipulada fosse regularmente entregue todas as noites, Manuela ficava livre todo tempo restante, e ainda poderia guardar para si o excedente da receita.

Em pouco, a boa aparência e a gentileza da nova quitandeira foram notadas pelos frequentadores da rua Direita. O conteúdo do tabuleiro desaparecia, como por encanto, e numerosos fregueses murmuravam palavras doces ao ouvido da preta.

Foi a partir dessa época que o seu pescoço, as suas orelhas, os seus dedos se cobriram de colares, brincos e anéis. Seria para quem mais se esforçasse de a agradar, a bela escrava.

O sr. Madrinhão, velho português avaro e caprichoso, não foi o último a impressionar-se pela rapariga. Fez-lhe alguns elogios e resolveu dispor dela.

– Dê-me a liberdade, e vosmecê poderá contar com o meu reconhecimento, respondia invariavelmente Manuela, a cada tentativa do senhor.

Este achava a sua escrava bem sedutora, sem dúvida; ela, porém, valia muito e a sua generosidade não estava à altura do seu amor.

Havia algum tempo, Manuela parecia preocupada. O sorriso fresco, que antes vivia tão voluntariamente em seus lábios, desaparecera. Às suas maneiras atraentes, aos

seus olhares ternos e ardentes, ao mesmo tempo, com que recebia os fregueses, sucedera um ar de melancolia, poderei mesmo dizer, de tristeza.

[113]

De cócoras sobre a calçada, em frente ao tabuleiro, ela não se dignava mais conversar alegremente com as companheiras, nem requebrar-se sob os olhares embevecidos dos senhores.

Esgotava-se a mercadoria, é verdade, mas sem que ela pagasse o imposto das amabilidades e das provocações.

Às vezes, porém, a nuvem que escurecia a sua fronte dissipava-se de repente. O seu olhar iluminava-se vivamente e a sua boca desabrochava como a rosa matinal. Um homem acabava de se aproximar para comprar-lhe algumas frutas. Esse homem, que tinha o rosto furadinho como um coador, ocasionara subitamente uma mudança completa nos traços da quitandeira. As pupilas da rapariga não cessavam de passear pela abundante cabeleira dourada do estrangeiro. Sua voz retomava, ao falar-lhe, o seu timbre caricioso e doce. Oferecia-lhe as pitangas mais vermelhas, as pinhas mais apetitosas. Um encanto particular desprendia-se daquele indivíduo, e os seus cachos frisados, de um louro ardente, cor de fogo — por que recuar diante da verdade? — continham para a negra um atrativo poderoso, irresistível. Seria o efeito do contraste? Seria pela novidade, pela estranheza da cor desconhecida na África e mesmo no Rio?

Quem poderá jamais elucidar razoavelmente as caprichosas evoluções da paixão?

[114]

Um dia esse senhor rubicundo aproximou-se do tabuleiro de Manuela, que lhe apresentou dois figos preciosamente embrulhados em meias folhas de bananeira, deixando-os por seis vinténs. Ela evitou confessar que já havia rejeitado por eles uma pataca.

Outro dia, um lindo pêssogo (são tão raros, os pêssogos, no Rio!) chamou-lhe a atenção no meio dos produtos coloridos da quinta. Muitos dos que passaram, atraídos pela provocação do fruto europeu, fizeram ofertas que Manuela recusou.

— Já está vendido, respondia ela aos gulosos da Bolsa e da Alfândega.

O vermelhão passou diante dela sem parar. O seu ar distraído de trabalhador, o seu passo ligeiro provocaram a atenção da quitandeira. Chamou-o com a maior meiguice. Ele, porém, continuou o caminho, sem atender ao chamado. Obedecendo a um sentimento invencível, Manuela pegou no pêssogo e precipitou-se no caminho do desdenhoso personagem. Alcançou-o justamente quando ele ia virar a pequena rua que conduz à aduana.

— Senhor, senhor, disse ela com embaraço que não era fingido. Não lhe agradaria comer este fruto do seu país?

— Um pêssogo! Observou o estrangeiro. Oh! É fruta rara no Brasil. Obrigado. Hoje não o poderei comprar. Eu... esqueci minha carteira, terminou com hesitação.

[115]

— Não faz mal! O senhor pagará outro dia, e mesmo se quisesse dar um grande prazer à sua escrava... disse ela sem ousar concluir.

— Então?

– ...o senhor permitiria que eu o presenteasse com este pêssego, balbuciou Manuela, baixando os olhos.

A tola vaidade do estrangeiro indignou-se. Não compreendendo quanta delicadeza havia no gesto da crioula, e quanto amor inconfessável revoltou-se contra a sua ilimitada pretensão.

– Um presente! Queres fazer-me um presente? Perguntou ele. Impossível, minha negra. Aceito o teu saboroso pêssego, mas, como estou sem dinheiro, receberás em troca esta joia.

E tirando do dedo um anel, entregou-o à escrava, que o recebeu com um arrebatamento cujo sentido era impenetrável.

Durante uma semana o estrangeiro passou sempre pela rua Direita, trazendo na fisionomia a expressão preocupada que tinha no dia da troca do pêssego pelo anel. E não se dignou parar junto da quitandeira para comprar frutas.

A tristeza de Manuela aumentava, e as companheiras, que haviam adivinhado o seu segredo, zombavam dela impiedosamente.

Então, o senhor “Corado” (3)¹⁶ desdenha os frutos perfumados e os olhares provocadores da bela Manuela? Rosnavam as outras com pérfida alegria.

[116]

Uma manhã, antes de sair da chácara, a jovem escrava fez uma *toilette* mais cuidada que habitualmente. Coberta de ouros, colares, pulseiras e anéis, parecia um soberbo relicário. Um xale encarnado foi atirado descuidadamente sobre os ombros. Finos chinelos cobriam as extremidades dos pés e um esplendoroso turbante de seda envolvia-lhe a cabeça. Com as suas ideias de vaidade africana, e, enfim, para que as suas graças tivessem maior realce, ela pegou numa caixinha chinesa, de formato exótico, dessas que se vendiam no Rio, e escondeu-a no seio.

Esse objeto, cujo consumo é considerável na América do Sul pelas mulheres de cor, continha almíscar. Assim preparada e perfumada, Manuela encaminhou-se para a cidade, recebendo, sem se emocionar, numerosos cumprimentos pelo caminho. Ao entrar na rua Direita, dirigiu-se logo para o ângulo da Igreja dos Militares.

Este lugar oferece alguma analogia com um quarteirão de Roma antiga, todo entregue aos livreiros, e especialmente aos negociantes de *sagila* e que, por isto, se chamava *Sagilaria*.

Os *sagilas*, como se sabe, eram pequenas figuras, camafeus *periates*, como diziam os gregos, com que as pessoas se presenteavam durante a festa dos *Sagilarios*.

Negras e negros, instalados ao ar livre, encostados à igreja, vendem, com permissão das autoridades, as esquisitas mercadorias que se compõem unicamente

[117]

de figuras de cera, crescentes de cornalina e figas de madeira, grosseiramente esculpidas. Alguns ajuntam a este comércio medalhas bentas e imagens representando a cena do Desagravo. Esta palavra, consagrada pela tradição, lembra uma lenda colhida na própria igreja dos Militares.

Segundo essa lenda, um artista português retocava as pinturas de um enorme Cristo suspenso na parede de uma capela. Num estúpido acesso de raiva, o artista distraiu-

¹⁶ Nota 3: “Na boca dos negros, corado não significa envergonhado, o que é sempre tomado em mau sentido. Quer dizer avermelhado, cheio de cor”.

se a ponto de esbofetear o Homem-Deus. A sua impiedade foi punida ali mesmo, pois o Cristo, despregando-se da parede, caiu sobre ele, esmagando-o.

Todos esses objetos, tão diversos no entanto, são destinados a esconjurar o *mau-olhado* ou encanto.

Esse sítio poderia chamar-se justamente mercado de amuletos.

É curioso ver-se, desde pela manhã, a afluência dos fregueses em volta das lojas.

As amas de leite aí são as mais numerosas; e adquirem um arsenal miraculoso que penduram ao pescoço e ao da criança que amamentam.

As moças supersticiosas e as orgulhosas senhoras não trepidam em vir fazer provisão de armas sobrenaturais contra os feiticeiros que poderão encontrar no caminho.

Manuela, escusa dizer, estava já amplamente provida desses apetrechos duvidosos. Em todo caso, receando que os talismãs que trazia consigo já tivessem

[118]

perdido, com o tempo, as suas virtudes, decidira substituí-los por outros que ainda não tivessem servido.

Será possível encontrar-se ignorância mais cândida?

Manuela pensava que, estando encouraçada de novo, repeliria com mais eficácia as influências maléficas que pretendiam perturbar suas intenções.

Desdenhando afinal os *periates*, que até então respeitara, jogou-os num riacho, onde um moleque os foi apanhar. Comprou então duas figas mágicas, três crescentes de diferentes dimensões, outras tantas medalhas bentas e de uma pintura rudimentar, que parecia representar Nossa Senhora da Conceição, a padroeira mais festejada do Império. Uma vez esses objetos enfiados no mesmo cordão e pendurados de qualquer forma ao pescoço, a mina fez curta, mas fervorosa oração sobre os degraus da igreja. Em seguida, voltou ao seu lugar habitual, onde foi acolhida pelos cochichos e olhares invejosos das companheiras.

Depositando o tabuleiro sobre a calçada, Manuela acorrou-se e fumou silenciosamente o seu cachimbo.

Em pouco tempo, os fregueses a haviam aliviado dos figos e das laranjas, enchendo-a de cumprimentos e elogios aos quais a negra, visivelmente preocupada, não respondia senão por um sorriso distraído.

Aquele para quem, sem dúvida, ela se tinha preparado com extraordinária elegância, saiu, perto das três horas, pela rua do Rosário e atravessou a rua.

[119]

Manuela segurava então, na mão esquerda, o feixe dos amuletos. Avistando o moço, agitava diante de si aquele arsenal formidável, mas tendo o cuidado prévio de inclinar para o chão a extremidade das figas de madeira e as pontas de cornalina. Segundo as suas ideias supersticiosas, a mina estabelecia assim entre ambos uma corrente de simpatia que forçaria o senhor a se aproximar.

Uma das quitandeiras compreendeu a manobra, seguindo a direção do olhar de Manuela.

– Veja, veja! disse à sua vizinha mais próxima. Manuela está cavando um *sulco mágico*.¹⁷ Ora, apesar de tão engenhosas precauções, apesar da escrupulosa execução dos

¹⁷ “A gente do povo e os escravos, que não se jactam de aticismo, trocam sulco por *surco*. O primeiro, significa a marca deixada na terra pela charrua, o segundo diz-se da esteira do navio. A frase da quitandeira foi esta: ‘Manuela está cavando um *surco* mágico’. O que não é correto, mas todo mundo compreende”.

sinais e das manobras prescritas pela Cabala, o homem seguiu o seu caminho sem ao menos virar a cabeça para o lado de Manuela. Esta suspirou desoladamente e deixou cair os braços, com desânimo, ao longo do corpo. Uma estrepitosa risada arrancou-a dos seus tristes pensamentos. Observou então a expressão triunfal dos olhos das outras quitandeiras. Suas irmãs de escravidão zombavam de seu desapontamento. Bem longe de compartilhar de seu desespero, aproveitavam-no para dar a goela.

Infelizmente é essa a regra.

E as apóstrofes maliciosas, e as pilhérias cruéis cruzavam-se no ar.

– Ah! Meu Deus! Que desgraça! Tanta despesa de vestuário perdida!

[120]

– O senhor Corado tem o mau gosto de ficar insensível às amabilidades da linda preta mina!

– Manuela comprou os seus feitiços na loja de um judeu, por isso eles não podem produzir efeito.

– As medalhas não foram bentas, como deviam.

– Aposto que ela esqueceu de acender uma vela de cera em honra a Nossa Senhora da Conceição. Aí está por que Nossa Senhora não concordou com seus amores.

Manuela estremeceu a estas palavras, que lhe recordavam, com efeito, um dos mais graves esquecimentos, nas circunstâncias em que ela se achava. Levantou-se logo, e, depois de encarar acintosamente as quitandeiras, encaminhou-se de novo para a igreja dos Militares.

E já não foi uma vela modesta, mas três grandes círios de um cruzado, que ela acendeu diante do altar da celeste padroeira do Império. Ainda mais, antes de entrar no recinto sagrado, mergulhou por várias vezes, medalhas e crescentes, na pia de água benta. Então sim, Manuela julgou-se satisfeita. Coração aliviado, cabeça em pé, ela volta a sentar-se na calçada.

Ora, essa homenagem não serviu, sem dúvida, para conciliar a negra com as boas graças de Nossa Senhora da Conceição, nem para restituir aos talismãs a virtude poderosa. Somos obrigados a confirmá-lo, visto como, apesar de uma segunda tentativa para cavar o *sulco mágico*, o sr. Corado, voltando às cinco

[121]

horas, sempre silencioso e distraído, dirigiu-se para a rua do Ouvidor sem ter lançado um olhar sequer a Manuela.

A mina tomou então uma resolução suprema.

Insensível às caçoadas estúpidas das companheiras, colocou o seu tabuleiro vazio sobre o turbante de seda e seguiu o estrangeiro. Este entrou em uma loja de novidades. A quitandeira sentou-se à porta de uma casa e esperou. As janelas estavam abertas. De seu lugar, Manuela podia distinguir as pessoas que iam e vinham da loja. Viu o rapaz aproximar-se da empregada e depois de algumas palavras trocadas com ela, penetrar no interior da loja e afinal aparecer à janela do primeiro andar com o dono da casa.

Nessa ocasião o dia declinava consideravelmente. Acendiam-se as luzes.

Manuela esperou pacientemente cerca de uma hora. Em vão, a sua atitude melancólica e a sua rica vestimenta atraíam as cortesias dos senhores moços que

circulavam na rua. Manuela não dava ouvidos às propostas amorosas que eles lhe faziam, e ia passando.

O seio agitado, a descoberto de qualquer véu enciumado, as duas mãos cruzadas sobre os joelhos, a cabeça languidamente inclinada para um ombro, o olhar obstinado, fixo para a janela que lhe ficava à frente, ela estava cega e surda a todos os ruídos e movimentos da rua. Dominava-a um pensamento firme, absorvente, soberano.

[122]

Afinal, o estrangeiro saiu da loja. Manuela correu-lhe ao encalço e atingiu-o sob as luzes da rua dos Latoeiros. Atravessando-se insolentemente à frente dele, olhos ardentes, peito arqueado, mãos nas ancas, de forma que a luz do lampião refletisse em cheio no seu corpo:

– Senhor, disse-lhe com voz vibrante, amo-o. Quer amar-me também?

Certo, essa maneira audaciosa de oferecer o seu coração não se parece absolutamente às práticas desavergonhadas, diria mesmo revoltantes, se elas não inspirassem desprezo pelas pobres criaturas que todas as noites arrastam vestidos de seda sobre o asfalto dos nossos *boulevards*. Essa manifestação atrevida, mas involuntária de um amor contido por muito tempo, nada tem de baixo nem de abjeto. Nada que possa lembrar as provocações das meretrizes da Europa. Ninguém ensinou às lindas filhas da África a vencer as paixões e reprimir as inclinações naturais. O pudor, sentimento divino, que o cristianismo revelou à mulher, é desconhecido entre elas. Não existem, a seu ver, convenções, nem usos estabelecidos. Ignoram os ásperos gozos da imolação, as harmonias superiores do dever. A seus olhos, o amor é a luz verdadeira, o único princípio vivificador que não precisa de fórmulas calculadas por antecipação, nem de cerimônias convencionadas para se impor. É, porque é. E obedecer-se àquele de quem o amor promana é render-se-lhe piedosa homenagem.

[123]

Havia, portanto, uma soberba franqueza, uma candura tocante na resolução de Manuela.

A lei que consagra amores de amantes e amores legítimos não foi feita para escravos. As instituições e os preconceitos proíbem a estes uma afeição honrosa e lealmente repartida com outros, e com os semelhantes. Fora de sua esfera, os laços que eles formam nada têm de respeitáveis. Ainda mais, para eles confundem-se todas as noções — as mais vulgares — do bem e do mal. A conduta dos senhores, a seu respeito, os exemplos abomináveis, que se produzem diariamente a seus olhos, são causas infalíveis de embrutecimento e desmoralização.

Ora, uma cativa que possui um sentimento profundo e que é levada por força irresistível, não hesita em despir a sua alma. Desprende-se por esse motivo da atmosfera corrompida que a envolve. Divaga triunfalmente nas regiões puras, luminosas, etéreas da paixão.

A beleza de Manuela, enquanto ela posava assim diante daquele homem sem embaraço nem vergonha, revestiu-se de um caráter majestoso, dominador, que instantaneamente produziu resultado. O estrangeiro foi logo subjugado pela expressão nobre, altiva, simples ao mesmo tempo, da sua fisionomia.

Envolveu a negra num olhar reconhecido e respondeu com emoção:

– Mereces ser amada. Obrigado. Aceito a oferta do teu coração.

[124]

A sinceridade e a espontaneidade desse amor africano acabavam de apagar de seus olhos o que sua explosão podia ter de brutal, para não lhe deixar senão um perfume embriagador de inocência primitiva. A grosseria aparente do ato desaparecia diante da grandeza, do sentimento que o inspirava.

E assim deveria ser.

O belo, isto é, a verdade absoluta, não saberia ser impura. Seja qual for a forma para manifestar-se, encerra sempre uma sedução soberana que se impõe logicamente aos corações retos.

Para o artista, deixa a estátua de ser pura por estar nua? A folha de parreira não foi inventada senão para as colegiais e os velhos libertinos, ou melhor, se o preferem, para as inteligências incompletas e as imaginações depravadas.

Embora pareça insólito ao leitor o procedimento de Manuela, a negra não será, entretanto, para ele, nem vil nem desprezível. Estamos no Brasil, é preciso não esquecer. Os que conhecem o lugar onde se movimentam os meus personagens compreenderão a parte que cabe à influência que a escravidão exerce sobre eles.

Uma vez referidas essas ideias, posso continuar a minha narrativa.

A partir desse dia, Fruchot (é dele que se trata) não teve mais senão um pensamento: arrancar Manuela daquela triste situação. Fruchot não possuía a cabeça de Antinous.

[125]

Manuela era negra. Ainda mais, escrava. Mas, Manuela, em uma só palavra, acabava de o fazer semelhante

[126]

aos outros homens. Como direi? Pedindo-lhe o seu amor, ela tratava-o como o mais belo, o mais valente. Mostrava-lhe a consciência do seu mérito, dava-lhe confiança em si próprio, sem a qual não pode haver sucesso no mundo.

Então, o seu reconhecimento exaltou-se, e ele encheu o coração ardente da quitandeira dos tesouros de ternura afundados no seu coração, havia tantos anos.

Sua felicidade, entretanto, estava longe de ser completa. Se o coração de Manuela era seu, sua pessoa era propriedade de outrem. Era preciso, portanto, quebrar os ferros da escrava dedicada e mantê-la na altura do seu amor. Como ficou dito, o artista fizera-se corretor.

Fruchot ganhava honradamente a sua vida, mas não pretendia juntar dinheiro. O estado modesto de sua fortuna não lhe permitia comprar Manuela. Quanto à negra, feliz pelo acolhimento do amante, entregava-se à alegria do presente sem pensar no futuro. Amava e era amada. Que mais poderia desejar?

Um dia Fruchot dirigiu-se ao teatro e pediu para falar ao diretor. Durante a noite uma ideia atravessou-lhe o cérebro. Ficou uma hora com o empresário. Ao sair do teatro, mostrava uma expressão radiante.

Oito dias depois dessa visita, os jornais da localidade dirigiram um apelo aos sentimentos generosos do público:

[127]

“Uma escrava, jovem e bela (isto excita sempre a simpatia) recomenda-se aos ilustríssimos senhores da corte. Uma representação acaba de ser organizada, cujo produto será destinado à sua libertação. Trata-se de uma boa obra, com todos os atrativos de uma noite de prazer. Ninguém se escusará a concorrer para essa festa, cujo fim é tão evidentemente cristão. A interessante criatura e os nobres padrinhos que a protegem contam, portanto, com o apoio da alta sociedade do Rio para obter a sua liberdade.”

O cartaz do teatro trazia em letras grandes, vermelhas:

“REPRESENTAÇÃO EXTRAORDINÁRIA
EM BENEFÍCIO DE UMA RAPARIGA JOVEM,
BELA E INFELIZ.
O PRODUTO DA FESTA SERÁ DESTINADO
A PAGAR A SUA LIBERDADE.
FIDALGOS, MOÇAS, SENHORAS, RESPONDEI
AO NOSSO APELO COMO SÃO VICENTE DE
PAULO: 'VINDE PARTIR AS CADEIAS DA
ESCRAVA'.”

A ideia teve amplo sucesso.

Tudo quanto a capital do Império contava de eminente adquiriu bilhetes.

A sala ficou repleta e a receita ultrapassou as esperanças dos interessados. No dia seguinte, uma cena estranha passou-se na chácara de Mata-Porcos.

[128]

O sr. Madrinhão presidia, cachimbo à boca, ao carregamento do tabuleiro de Manuela, quando três indivíduos apareceram à entrada da propriedade.

Reconhecendo aquele que amava, Manuela foi ao seu encontro.

– Pede ao teu senhor que te venda, disse-lhe Fruchot a meia voz.

Sem esperar outra explicação, a negra dirigiu-se ao amo e fez-lhe o pedido.

– Mas eu não te quero vender, replicou o sr. Madrinhão. Fazes bem o teu serviço. Estou contente contigo. Por que me queres deixar?

Nisto, os três indivíduos aproximaram-se do dono da habitação.

– Senhor, disse Fruchot, a sua negra Manuela deseja ser vendida. Queira fixar o preço da sua liberdade. Aqui estamos para lho pagar.

Tratarei adiante dos três modos de libertação dos negros. Por hoje basta dizer que um senhor não pode, sob nenhum protesto, rejeitar o pedido do escravo que queira ser vendido ou que deseje por si só libertar-se, pagando a importância que o proprietário exija.

O sr. Madrinhão apresentou ainda algumas objeções. Mas o tabelião, que acompanhava Fruchot, e o diretor do teatro lembraram-lhe, muito a propósito, o artigo da lei. Era mister executá-lo. O preço fixado em um conto e 300 mil réis (perto de 4.000 fr.)

[129]

foi logo pago, e o auto do resgate imediatamente lavrado.

Sabendo que acabava de embolsar a receita da representação da véspera em benefício da rapariga, o sr. Madrinhão não pôde dissimular a sua surpresa e o seu descontentamento.

– Mas então, a rapariga era a Manuela? exclamou ele.

– Era a Manuela!

— E eu que comprei um camarote para minha mulher e minha filha! Disse o senhor com um gesto de despeito. Tolo que fui! Contribui, sem querer, para a sua liberdade.

— O senhor já recobrou o preço do camarote na soma que lhe chegou às mãos, continuou Fruchot. Ontem o senhor cometeu uma boa ação; agora conclui um bom negócio. Não se arrependa.

Não me esforçarei em narrar a alegria da quitandeira. Há coisas que se perdem nas descrições.

Manuela correu para junto da dona da casa e pediu-lhe a benção. Despediu-se igualmente do senhor e saiu da quinta, levando as felicitações de todos os companheiros de cativeiro.

O sr. Madrinhão seguiu-a com os olhos até ao fim do caminho, sem poder conter um suspiro de pena.

— Ela é bem bonita, com efeito, murmurou ele.

Manuela entrou livre em casa de Fruchot. No dia seguinte, o jornal exprimia, em termos dignos e

[130]

sinceros, os sentimentos de gratidão da escrava resgatada a todas as pessoas que haviam assistido à representação.

Esta história ocupou as conversações da cidade durante alguns dias. Cessaram de falar no caso, afinal. Mas o interesse geral continuou voltado para a jovem quitandeira. Sua dedicação inalterável por Fruchot valeu-lhe muitas simpatias, não somente no meio francês, mas sobretudo entre os que se sacrificavam mais obstinadamente aos preconceitos. Essa afeição correspondida, entre um branco e uma negra, recomendava-se por uma tal sinceridade, por tanta lealdade e segurança, que acabaram por absolver Fruchot da sua escolha.

— Ela o faz feliz! Ele fez bem, diziam.

O meu amigo entrou desde então nas condições ordinárias da vida das colônias, onde as ligações desse gênero são comuns entre os brancos. Foi aceito a viver com a sua negra, tanto quanto os que vivem com as filhas de Cabo Verde ou dos Açores.

O corretor acabava recentemente de dar à quitandeira uma prova de amor a que ela não podia deixar de se mostrar sensível.

Já esta asserção, não o ignoro, de que um branco possa seriamente unir-se a uma preta, não seria acolhida na Europa, senão com extrema reserva, tanto parece ela paradoxal. Como então o leitor admitiria que Fruchot, pobre e inteligente como era, podendo

[131]

contrair um casamento rico, recusasse casar com uma branca para ser fiel a essa filha da África?

Nada, porém, mais verdadeiro, nem mais fácil de explicar.

Este fato sugere uma questão complexa.

Pondo de parte a preferência exclusiva, há nisso, com uma questão fisiológica, uma questão de raça, de pele, se me é permitido exprimir brutalmente o pensamento claro, que merece ser observada com algum desenvolvimento.

É o que vou fazer agora.

Depois da sua alforria. Manuela não carregou mais o tabuleiro à cabeça. Renunciou às *toilettes* provocantes que deixavam a descoberto as generosas proporções

do seu corpo. Os seus olhos, sempre orgulhosos, perderam a arrogância. O amor revelara-lhe o pudor.

Satisfeita da sua sorte, ela ocupava-se do interior da casa e empregava todo o seu tempo em tornar a vida suave e fácil a Fruchot. O corretor, por sua vez, redobrava o ardor no trabalho. Manuela, legítima preta mina que era, apreciava as joias e os enfeites. Fruchot, que lhe conhecia este gosto, gastava uma atividade prodigiosa, encaminhava cada dia um novo negócio, e gozava, com um mês de antecedência, a ideia de proporcionar uma encantadora surpresa à sua amante.

A abundância e a alegria, que é o complemento natural da primeira, envolviam o novo lar, quando a febre amarela invadiu a capital do Império.

[132]

Manuela tremeu pelos dias de Fruchot. Este tinha pavor por Manuela. O corretor lembrou-se então de um amigo que tinha na província da Bahia. Era rico fazendeiro para quem ele havia feito compras importantes no Rio, e que o convidara por várias vezes para caçar em sua companhia.

Outro motivo determinava-o a dirigir-se para lá.

O pai de Manuela, vendido em Pernambuco ao mesmo tempo que a filha, tinha pertencido sucessivamente a diferentes senhores. Sob a insistência de Fruchot, o fazendeiro decidiu seguir o rasto do velho. Foi bem sucedido nas suas indagações; e a carta que o corretor tinha ido procurar ao Correio no dia do nosso encontro dizia-lhe que o Antonio fazia agora parte do rebanho do sr. Miguel Pedregulho, cuja morada ficava situada a meio dia de S. Jorge. Um honrado negociante desta cidade, chamado Macedo, deveria facilitar os meios de transporte para a casa do proprietário do negro. De volta dessa expedição, ele forneceria ainda uma embarcação para o conduzir à casa de outro brasileiro, seu amigo, o sr. Pedro Clemente da Serra. Seguro dessas informações, Fruchot não hesitou mais em responder ao convite do fazendeiro. A vida de Manuela exposta, minha partida para S. Jorge, sua paixão pela caça, o desejo de juntar o pai à filha e a estagnação dos trabalhos, tudo o compelia a embarcar comigo na sumaca “Os Dois Anjos”.

Tais são os detalhes que me deu Fruchot, uma tarde em que ele, deitado no tombadilho, cabeça apoiada

[133]

sobre os joelhos da negra, provocava as minhas confidências em troca das dele. O corretor riu muito ao saber que o seu colaborador nos *Amores da rainha Joana* tinha a bordo um carregamento de fósforos. Pouco durou, contudo, esse momento de alegria. Conhecendo a fundo o comércio das colônias, Fruchot encarou a coisa como devia ser, isto é, pelo lado sério.

[134]

Chegou a hora de examinar com cuidado o papel confiado à mulher de cor nas latitudes intertropicais.

Já disse em outro lugar (e creio peremptoriamente tê-lo estabelecido) que as brancas, nas colônias, são fisicamente inferiores às crioulas, principalmente às negras minas.

Ainda hoje, não tenho em vista senão a beleza das formas. Mas bem entendido, cada vez que eu falar da negra, é sempre a negra mina. Por pouco que se possua o sentimento da verdade, o homem que habita a zona equatorial não pode recusar a sua admiração por essas soberbas criaturas, cujo porte está cheio dessa majestade radiosa que o elogio atribui às rainhas, e a poesia às deusas.

Incessu patuit Dea, disse Virgílio.

No meio do quadro esplêndido que um sol ardente e uma vegetação luxuriante compõem nos campos tropicais, a branca perde todas as vantagens que desfruta na Europa. Sua beleza delicada esvai-se em ondas de luz. Seu talhe diminui diante da criação; ela parece, enfim, mesquinha, miúda, miserável, angustiada.

Os raios brilhantes que caem do céu e se espalham sobre a sua face bronzeada fazem melhor realçar, ao contrário, a rica organização da negra.

[135]

Suas formas, projetadas no fundo que lhes convém, realçam orgulhosamente em suas linhas opulentas e corretas. O sol, que queima a branca, dá às suas carnes reflexos que rebrilham e comunicam às suas pupilas uma chama que penetra até às profundezas mais íntimas do seu ser.

Não falo aqui da mulata, que deve todos os seus sucessos a uma afetação atrevida, mas cujo rosto terroso absorve, sem se iluminar, a luz celeste. Por mais esmerada que ela seja na sua *toilette*, por mais engenhosos que sejam os cuidados em que envolve a sua delicada pessoa, a mulata ferirá sempre a vista pela aparência de um asseio duvidoso. Por maiores que sejam as seduições do seu sorriso, pensa-se, mesmo sem querer, na lama diluída. Mesmo quando se lhe paga o tributo das homenagens.

Não se dá isto com a filha da África.

A cor pura da sua pele, quando ela é de um preto absoluto, como as pessoas da raça mina, lembra a cor profunda do mármore de *Portor*, esse mármore preto, com veias de fogo; além disso, a solidez dos atrativos, a amplitude opulenta do torso, o farto desenvolvimento do peito, atestam, num modelo perfeito, uma força vital harmoniosa com a exuberante vegetação do equador, que faz sonhar com o amor insaciável dos imortais.

Se as regiões intertropicais fossem ocupadas por um povo de artistas, a beleza lhes conferiria naturalmente uma autoridade soberana e, então, os papéis

[136]

seriam invertidos: a escrava seria a branca, a negra ficaria nominativamente sendo rainha, como ela o é de fato, enquanto espera que se lhe restituam os seus antigos templos de Sidon e de Tyro.

Astarté era bronzeada, senão tão negra como a rainha de Sabá.

Neste particular o paganismo participava da opinião dos hebreus, cujos livros sagrados proclamam a triunfante beleza de Sulamita, isto é, a negra.

O imperador Heliogabalo, casando a estátua de Vênus síria com a pedra negra cônica, representando o deus Elagabal, que ele fizera trazer, a primeira de Cartago, e o segundo de Emeso, imitava o grande rei Salomão, sacrificando ao amor africano.

Por sua vez, o cristianismo seguiu a dupla tradição judia e pagã. Consagrou o esplendor e a correção incomparável das formas, erguendo altares à Virgem negra.

Logo, desde a mais remota antiguidade, o símbolo da beleza plástica e da paixão sensual encarnou-se na mulher de cor.

É neste ponto de vista que, apesar do mais estúpido dos preconceitos, essa é ainda hoje apreciada nas colônias, e mesmo nos lugares onde reina a escravidão.

Nessa sociedade, essencialmente dominada pela pompa e pela forma, a negra, e com ela a mulata, preenchem o papel que reivindicam, no nosso meio, a comediante e a *lorette*.

[137]

A ação daquelas é menos prejudicial, aliás, porque elas só absorvem o corpo, sem exercer influência no moral.

No estado de costumes coloniais, a alma escapa à mulher de cor; ao passo que a cortesã branca se apodera da alma por processos engenhosos.

Não obstante, em certos casos, existe reconhecimento no íntimo do afeto que prodigaliza a primeira. O seu orgulho está lisonjeado, ao mesmo tempo que o seu coração foi tocado da preferência de que ela é o objeto.

Os transportes da segunda não são senão uma mentira estudada. Ela explora sem pudor os maus instintos, assim como as tendências generosas da natureza humana, pelo engodo de uma felicidade que não saberia proporcionar.

Nada é natural, por conseguinte, nada é verdadeiro na existência da hetaira europeia.

Longe de desabrochar ao ar livre e de adquirir, como a mulher de cor, novo frescor aos beijos do sol, ela receia, para os seus fracos atrativos, a luz do dia, e vive constantemente numa atmosfera fictícia, saturada de todos os perfumes capitosos que o ouro pode comprar. Sempre representando, envolve-se de uma graça conquistadora e conhece todas as vantagens que uma vaidade pouco escrupulosa pode tirar da moda, exagerando-a.

[142]

A mulher de cor está longe de ser tão perigosa. O seu comércio não atinge absolutamente a independência do espírito e não compromete em nada a honra (já não digo a felicidade) das famílias.

Não é o seu coração que se deseja conquistar, porém as suas formas incomparáveis. Não existe para ela uma troca de ideias ou de sentimentos. Se, às vezes, a sua pessoa inspira ciúmes, nunca será por causa dos seus desejos nem dos seus pensamentos. O homem a quem a sua beleza seduziu não tem senão um intuito: a posse; e assim como ele não procura nela mais do que uma satisfação física, não se empenha nessa ligação nenhuma parte do seu moral.

O orgulho, aliás, é a sua melhor defesa: nunca um branco se casaria com uma mestiça.

Eis por que a paixão ardente que arrasta o colono para a mulher de cor jamais produz os desastrosos efeitos que ocasiona forçosamente o interesse pela cortesã branca.

Citem-me alguma obra considerável que tenha sido inspirada pela beleza venal!

[143]

Pelo contrário, não me seria difícil nomear aqui personagens ilustres, desde Salomão até o último sultão, que nada perderam do seu valor próprio por frequentar mulheres bronzeadas.

Homens de estado, guerreiros heroicos, poetas, todos provaram igualmente o acepipe do amor africano.

As mais harmoniosas estâncias de Camões (sem mesmo excetuar os versos dos *Lusíadas*) são ainda as que ele compôs aos pés de Barbara, e que já recordamos atrás.

Somos forçados a reconhecê-lo: essas criaturas (que é preciso não confundir com as “moças das flores e dos perfumes”¹⁸ são encantos poderosos para triunfar do odioso preconceito da cor, e poder curvar, com os braços cheios de cadeias — no país de escravos — a fronte altiva de senhores implacáveis.

Essa fato incontestável bastaria por si só para afirmar a soberania do prestígio que a beleza encerra.

Com efeito, o senhor, que se gaba de não ter senão sangue azul nas veias, paga a sua dívida à sociedade, desposando uma branca; mas, logo que um herdeiro lhe nasce, ele abandona a mulher da sua raça por uma rapariga de cor.

Assinalaremos daqui a pouco as consequências deploráveis que esse comércio, autorizado pelos costumes coloniais, produz no seio da família.

Por hoje, limitar-nos-emos a constatar o arrebatamento que inspiram as mulatas e sobretudo as negras

[144]

minas. Quantas senhoras orgulhosas e ternas, a princípio indiferentes à atenção do marido pelas suas escravas, depois feridas no seu orgulho e no seu amor pela prorrogação desta preferência, tentaram atrair para si aquele que humildes raparigas ousaram disputar! Meneios vaidosos, prantos, orações, explosões de raiva, todos os meios foram empregados em vão.

A odiosa rival foi chicoteada, esfarrapada, mutilada,¹⁹ envenenada mesmo, em certos casos. O senhor escolhera então outro ídolo, mas, como o precedente, este fora também talhado em mármore preto. Então, a esposa legítima, esmagada pela vergonha, resigna-se a sustar uma competição onde todas as vantagens estão do lado da escrava.

Veremos em breve quão funesto foi para a segurança do lar o exemplo do chefe da família.

Essa predileção, que parecerá certamente extravagante às pessoas que nunca viveram nas colônias, não se explica unicamente pela superioridade física das mulheres de cor.

Isso resulta de uma outra causa, ainda mais essencialmente física, e que se refere a emanções particulares que exalam os poros dessas belas criaturas.

Antes de tudo, o esplendor das suas linhas atrainos, e a gente se sente ferida pelas flamas ardentes que lançam as suas pupilas.

O orgulho inutilmente tenta opor-se. Apesar dos vivos protestos do sangue azul, fica-se definitivamente seduzido, quando elas marcham com um movimento

[145]

intermitente das ancas, cheios de misteriosas confidências, que nos conduzem à perturbação dos sentidos.

A atração nos domina; é necessário ceder.

É então que a influência desse odor *sui generis* age profundamente no adorador da forma.

¹⁸ Nota 5: “V. *Le Brésil tel qu’il est* (do mesmo autor)”.

¹⁹ Nota 6: “Mostraram-me uma mulata a quem uma senhora, enciumada, cortara duas falanges da mão”.

Um contato passageiro produz, de ordinário, o aborrecimento. Se o delírio se prolonga, a sorte do branco estará para sempre fixada: não lhe será mais permitido renunciar à frequência das mulheres bronzeadas; ainda mais, desdenhará de queimar incenso aos pés das pálidas nativas.

Como acabamos de declarar, ele poderá mudar de favorita, mas se conservará sempre fiel ao culto da cor.

Sem dar a esta enunciação todo o desenvolvimento que ela comporta, cremos dever lembrar aqui um axioma português que encerra (para o leitor que quiser seriamente interrogar) a explicação natural do fenômeno de que se trata.

Eis o texto da sentença: “Aquele que sentiu duas vezes o cheiro acre, mas embriagador da catanga da negra, achará, desde então, muito desenxabido o cheiro que exala a pele da mulher branca”.

O que quer dizer que um paladar habituado às especiarias não mais se poderá privar delas, e que os pratos desprovidos de condimentos enérgicos não terão sabor algum.

[147]

Aí está por que a catanga é menos perniciosa que o cheiro produzido pela *maquillage* (perdoar-me-ão o emprego desta palavra consagrada para caracterizar o sistema de caiadura usado por essas mulheres).

O primeiro cheiro é franco e leal, porque é natural; o segundo é fictício, habitua à hipocrisia, e logicamente, depois de ter pervertido o gosto, conduz à decadência do ser moral.

Não se poderia comparar melhor o amor africano do que à túnica do Centauro.

A embriaguez, que invade o corpo, consome-o lentamente; porém, repetimo-lo de propósito, ele não tem ação sobre a alma imortal.

Isto é verdadeiro, sobretudo para o colono, que despreza a mulher de cor, pela qual, no entanto, sacrificara sua esposa legítima, e que se consola da perda do seu ídolo pela adaptação de um novo ídolo igualmente de bronze.

Os europeus que habitam os trópicos vivem em outras condições, em relação a essas magníficas criaturas. Professam também uma admiração sincera pelas suas formas esculturais.

Às vezes, é verdade que se deixam seduzir pela indolência graciosa e pela provocante vaidade da mulata; mas, ordinariamente manifestam seu entusiasmo pela negra, na qual as proporções vantajosas do corpo, os tons quentes da pele, a paixão grave, concentrada no olhar, dão a toda a sua pessoa um caráter de

[148]

grandeza, de força e de beleza soberana, que falta absolutamente à mulata e à branca.

Como eles não são acessíveis ao preconceito da cor, não receiam afirmar publicamente a preferência que dão às mulheres bronzeadas sobre as naturais do país.

Na Bahia, onde os súditos dessa nação maometana são em grande maioria entre os irmãos de servidão, as negras minas monopolizam quase exclusivamente os traficantes estrangeiros.

As soberbas e irascíveis senhoras inutilmente estigmatizam os europeus por causa dos seus gostos depravados. É o despeito que assim fala. Os colonos fazem tacitamente causa comum com os europeus e, em suma, essas ligações, altamente confessadas, não desconsideram mais os que as praticam do que, em Paris, a proteção audaciosa que se dá a uma comedianta ou à filha de um porteiro transformada em concubina.

Pode-se mesmo declarar que esse comércio com mulheres de cor é um hábito vulgar entre os residentes estrangeiros.

Estes, estabelecendo-se em terra americana, conservarão, com algumas exceções, a ideia de regresso ao país onde nasceram.

É por isso, sistematicamente, depois de maduras reflexões, que eles só contraem nas colônias laços fáceis de desatar.

[149]

Em todo o caso, no meio das homenagens que eles rendem ao esplendor corporal, não imitam a forma ultrajante e o desdém grosseiro que os nativos proclamam em relação aos objetos de entretenimento passional.

Verifiquemos ainda uma vez.

O homem das zonas equatoriais, sensível à beleza física, porém dominado pelo preconceito da pele, não vê nas mulheres de cor senão um magnífico instrumento de prazer, que excita ao mesmo tempo os seus desejos e o seu desprezo.

O europeu, ao contrário, cuja apreciação é sadia, eleva por generosos meios a pobre pária que se associa momentaneamente ao seu destino. Ele não se julga quites com ela, enchendo-a de joias: paga-lhe ainda em proporção à felicidade que lhe deve.

Ela, por seu lado, habituada até então às humilhações e aos insultos, comove-se com tal conduta. Testemunha ao seu protetor um apego profundo, onde o reconhecimento figura em maior parte. O seu moral ressent-se assim das suas novas condições de existência. O abatimento em que mergulhava desaparece sob a influência de um sentimento simpático. A mulher é então revelada na negra. O amor deu uma alma à escrava.

Feita a sua fortuna, em atenção a si mesmo, o negociante recompensa generosamente a criatura que viveu a seu lado durante tantos anos. Não lhe faculta rendimentos, sem dúvida, porém entrega-lhe uma soma

[150]

suficiente para empreender um pequeno negócio, se ela quiser trabalhar.

Vã previdência de uma criatura que interrogou com terror o futuro!

Habitualmente, a mulata, quando ainda não passou a idade de agradar, gasta loucamente o dinheiro das despedidas, e volta à vida indolente que lhe proporciona um novo protetor.

Se se trata de uma negra escrava que o novo dono escolhera, ele a emancipa antes de partir, e deixa-lhe, com alguns fundos, a liberdade de dispor do seu coração.

A filha da África conserva por mais tempo a lembrança das horas afortunadas em que o amor a fizera semelhante ao branco. Não obstante, acaba sempre por desposar um homem da sua cor, um mulato, algumas vezes, que o seu modesto pecúlio seduziu.

Mais de um europeu, entretanto, reconheçamo-lo, esquece de comprar o filho nascido desse comércio que segue naturalmente a mesma sorte da mãe, se esta continua escrava.

Outros, embaídos por estúpidos preconceitos, envergonhar-se-iam de conduzir para a Europa o seu descendente de cor. Preparam silenciosamente a sua partida, esforçando-se por amortecer inquietudes legítimas. E uma noite, abandonam sem remorsos a companheira dedicada do exílio e o pequeno mestiço que tantas vezes acalentaram nos braços.

[151]

Mas esses ingratos nem sempre conseguem enganar a ternura sombria dessas amantes, dessas mães.

Às vezes, a ligação, em lugar de se desfazer banalmente pelo abandono ou pelo desgosto, é violentamente cortada pelo ciúme e o desespero. É que o amor, já o dissemos, levantou a escrava da sua abjeção, deu-lhe uma alma, uma alma que não mais separa os direitos dos deveres, e que se revolta furiosamente contra a deslealdade e a mentira. A vingança vela, enquanto é urdida à traição.

Já o traficante fez o seu pecúlio. Já o seu caderno de notas está bem marcado de transações entabuladas com a Europa. Ao chegar o próximo pacote, ele deixará furtivamente a terra estrangeira e voltará para a sua pátria a fim de desfrutar a fortuna laboriosamente conquistada.

É então que a morte o surpreende em meio dos preparativos que ele julgava ignorados. Expia logo a odiosa baixeza que concebera longamente, e estava em vésperas de executar.

Por seu turno, o que consegue por os pés a bordo de um navio felicita-se por estar ao abrigo da desforra da sua Ariadne de ébano.

O fogo que devora as suas entranhas não tardará a provar-lhe que a filha da África tomou a sério as suas juras de eterno amor e os seus deveres de paternidade. A criança continuará escrava, seja... mas o branco será, mesmo sem o querer, fiel á negra, pois o

[152]

veneno que circula nas suas veias é daqueles que não perdoam.

Tal é o papel que desempenha nas colônias a mulher de cor.

A irresistível atração que arrasta para ela o crioulo e o europeu tem dupla causa: as suas formas sedutoras e o cheiro das suas axilas.

O homem, habituado à atmosfera que o envolve, está condenado a viver nela eternamente.

Isto é tão verdade que a maior parte dos traficantes — uma vez feita a fortuna — levam com eles para a Europa uma ou mesmo mais mulheres bronzeadas.

Conheci um francês (tinha apenas uns 40 anos e possuía dois milhões) que voltou da América com uma negra mina que alforriara.

Sancha era bela entre as mais belas de suas irmãs, e ainda mais, dedicava ao seu protetor um reconhecimento apaixonado. Pois bem, em Paris, ela viu-se esquecida e reconheceu que cada dia lhe arrebatava um pouco do seu império.

O francês, antes tão vivamente apaixonado, não lhe testemunhava ainda frieza, propriamente; mas a negra não interessava mais à sua felicidade, e ele vivia imerso em uma tristeza cujos motivos lhe eram desconhecidos.

Uma noite, a mina, enciumada, não se conteve mais.

— Então Sancha perdeu o afeto do senhor? Perguntou ela. E o brilho da sua pele escura ficou menos

[153]

sedutor que a palidez das mulheres brancas? — Por que motivo?

O francês tentou em vão acalmar a negra. Muitas cenas se sucederam.

Uma manhã, no entanto, a alegria voltou a casa. Os criados faziam as malas, e a mina dirigia os preparativos da partida.

Eu fora levar minhas despedidas ao antigo negociante.

– Uma negra desterrada na Europa, confessou-me ele, vive como uma branca nos trópicos. No nosso clima de brumas as suas carnes amolecem e perdem o cheiro que nos embriaga. Trocam-se também os reflexos fascinantes que a luz equatorial lhes dá por tons obscuros, inexpressivos, que lembram a cor lodosa da mulata. O bem-estar desaparece na Europa para essas excelentes criaturas. Às filhas do sol é necessário uma coroa de luz. Eis por que volto para a América. O quadro está em meu poder. Vou procurar a moldura, que lhe dará valor.

Esse jovem milionário era simplesmente um discípulo de Rafael e de Ticiano. Adorava a linha como Ingres e a cor como Delacroix. Sua apreciação inteligente das leis da perspectiva estabeleceu manifestamente que o senso artístico era tão fortemente acentuado nele quanto o gênio dos negócios.

Agora que este estudo está findo, compreende-se melhor o apego exclusivo do corretor por Manuela.

[154]

Fruchot tinha provado a maçã do amor africano, e a catinga o embriagava.

Ter-lhe-ia sido fácil, como muitos outros senhores, casar com a branca que o seu cabelo ruivo seduzisse, e ainda, o dote embolsado, abandonar a mulher legítima para retomar Manuela.

Mas Fruchot, embora corretor, conservava os seus elevados sentimentos de artista. A ideia de semelhante infâmia não podia passar pela sua cabeça.

Eis por que o meu antigo condiscípulo, feliz com a sua duquesa bronzeada (como ele gostava de a chamar), recusou o casamento que lhe haviam proposto.

Na verdade, Manuela não era indigna desse sacrifício. Quanto mais a conhecíamos, mais apreciávamos essa natureza dócil que ainda não tivera tempo de ser corrompida pelo cativo.

Era, sobretudo, para essa que o amor abria largos horizontes.

A dedicação da preta fora sem limites, como o seu reconhecimento; e a sua alma, fecundada pela felicidade, atingira sem esforço os cimos luminosos que existiam na alma do corretor. Doce, afável na sua majestade natural, Manuela cercava constantemente Fruchot de cortesias e cuidados deliciosos.

Assim, durante as refeições, a mina não tocava em um prato antes dele, e cada vez que bebia, inclinava a cabeça para o seu lado com um movimento cheio de graça e de deferência.

[155]

Quanto a mim, Manuela conquistara a minha simpatia

Fruchot, a quem comuniquei as minhas impressões, declarou-me que em casa ela nunca consentiu em sentar-se à mesa com ele. Servia-lhe com uma amabilidade respeitosa e não jantava senão depois dele ter acabado. Manuela não podia esquecer que Fruchot era um senhor branco, e que, pela cor, ela lhe era inferior

A preta ignorava ainda, tão dedicada, tão sincera na sua afeição, que o amor aproxima as distâncias e constitui a perfeita igualdade. Sem igualdade não há amor, nem amizade. Se não fosse o abuso detestável que ela fazia do almíscar, como aliás, todas as suas parceiras, eu teria julgado aquela negra a mais perfeita das criaturas

Pensei, mais de uma vez, olhando-a, na sedutora Barbara
 “Que sua graça encantadora fazia dela a soberana de quem era escrava”.

[282]

Agora que analisamos o gosto dos senhores pela catinga, o leitor poderá apreciar, por sua vez, o número de mulatos que cada ano põem no mundo dois milhões de negras. É preciso levar em conta os produtos dos brancos, dos mestiços e dos negros, com as mulheres indígenas, as mulatas e as mestiças.

Resulta deste cálculo que poucos brasileiros não terão nas veias uma porção de sangue negro ou caboclo.

Esta hipótese é categoricamente demonstrada pelas mil tonalidades de pele que se notam no país. Toda a escala de tons e semitons, que separam o branco puro do negro retinto, é representada por essa população multicolor. Vermelho-pálido, azeitona, tostado, terroso, amarelado, lívido, cinzento-sujo, tais são as tintas diversas, cujo conjunto compõe a fisionomia do povo brasileiro. Ainda é mister acrescentar a essa variedade de espécies outras subdivisões de cores que são: *mamelucos*, *cholos*, *curibocas* (os *somboloros* dos espanhóis) e enfim *ossacalaguas*.²⁰

[369]

Poderei citar um senhor casado com uma mulher pequenina, graciosa, espiritual e delicada, quanto possível. Sem ser bonita, tinha tudo para agradar, e ainda mais, amava seu marido. Pois bem. Esse desgraçado abandonava a sua gentil companheira e sacrificava-se por uma negra medonha, que exalava um cheiro abominável de almíscar e de catinga, simplesmente por ser a escrava que melhor lhe fazia o *cafuné*.

[370]

Nunca pude aceitar o auxílio de um criado para os cuidados do meu corpo. Isto em mim é instintivo. Nem mesmo a mão de um barbeiro profissional já cuidou da minha barba. A ideia de tal contato causa-me repugnância. Não posso aceitar a intervenção estranha nos cuidados delicados que exigem a higiene física. Iniciar alguém, sobretudo um inferior, nos mistérios íntimos da toalete, parece-me um desrespeito a si próprio. Sem me fazer pactuar com o puritanismo de algumas seitas protestantes, que chegam a envolver em panos as pernas do piano que lhes orna o salão, eu nunca me resolveria, pelo menos enquanto estivesse de saúde perfeita, a entregar as minhas pernas nuas para serem ensaboadas e escovadas por uma criada. É verdade que uma negra não é uma mulher, segundo o critério colonial.

Na minha opinião, há nesse modo de agir da parte do senhor para com o escravo uma falta completa de dignidade, abdicação essa que se explica pela indolência tropical, embora sem justificativa. Semelhantes serviços degradam mais a quem os recebe do que a quem os pratica. Quanto mais dependente dos escravos, menos independente é o homem. Quanto mais necessidade ele sente, menos senhor de si, menos forte e viril.

Afim de não ofender a suscetibilidade dos donos da casa, rejeitando as escravas que carregavam a bacia d'água, declaramos preferir tomar um banho inteiro no rio.

²⁰ Nota 3: “O *mameluco* é um mestiço nascido de um branco com uma índia e vice-versa. O filho do mestiço e da índia chama-se *cholo*. O *curiboca* é o produto do índio com uma negra, e enfim o cruzamento da mulata com o *curiboca* dá o *sacalagua*”.

[371]

Este uso patriarcal traz-me à mente uma anedota relativa à imperatriz Leopoldina, que põe em relevo grotesco a vaidade brasileira e estabelece ainda mais o grau de ridículo a que pode levar o preconceito da cor.

A imperatriz Leopoldina (mulher de tanto coração que morreu com o coração partido) caçava, um dia, em Minas Gerais. Surpreendida pelo mau tempo, essa filha dos Césares refugiou-se, com o seu séquito, em uma fazenda vizinha. Prepararam-lhe logo tudo o que era necessário para lhe lavar os pés.

Ordinariamente é à dona da casa que compete tal cuidado, quando se trata de um hóspede de cerimônia. Mais que nunca, aí estava o caso. Apesar disso, a esposa do fazendeiro não podia esquecer a cor de seu rosto. Essa mulher, que não se vexava de não saber ler nem escrever, sentia-se desonrada, se lavasse os pés de uma branca, fosse ela a sua soberana.

Leopoldina, entretanto, esperava que lhe cumprissem esse primeiro dever de hospitalidade.

O fazendeiro tinha, entre os seus vizinhos de campo, uma rica mulata. Foi esta simplória a escolhida para satisfazer a exigência, substituindo a senhora branca nas funções que a orgulhosa criatura achava que a sua dignidade devia repudiar.

O pior não foi isso. Querendo recompensar a mulata, a excelente Leopoldina deu-lhe um anel que trazia no dedo. A branca imaginou que a imperatriz lhe fazia uma afronta e, interpondo-se, impediu a entrega do presente.

[372]

Uma joia que pertenceu a V.M. imperial não poderia enfeitar a mão de uma mulher de cor. Com permissão de V.M., guardarei este anel como lembrança da honra que a imperatriz do Brasil concedeu à minha casa.

[412]

Fidélis, eu nunca tive dúvida, era filho do fazendeiro, como também as duas mucamas que serviram a mesa.

Este fato, que revolta a consciência, não poderá surpreender, em todo o caso, aos que conhecem a escravatura. Com efeito, onde reina essa instituição praticam-se, para com o casamento, as teorias mais complacentes. Não existe aquele que julgue faltar aos seus compromissos, apreciando as raparigas bonitas da casa. Esse comércio, que a lei e a santidade do lar doméstico reprovam energicamente nos países cristãos,

[413]

não intimida, em absoluto, nos países escravagistas.

Acima declarei: os negros, embrutecidos pelo chicote, vingaram-se de seus opressores, inoculando-lhes os seus vícios. Mesmo as mulheres legítimas, seja por indiferença ou impotência, e algumas por orgulho (uma senhora poderá ter ciúmes de uma negra?) autorizam, com o seu silêncio, essas uniões adúlteras que aumentam o capital humano.

Daí resulta que todos os fazendeiros, todos os senhores de engenho, todos os proprietários das grandes explorações, são verdadeiros sultões, e não deixam de usar de suas prerrogativas, sem mesmo admitir que ao capítulo dos deveres recíprocos suceda o que trata dos direitos.

O que na Europa constitui a ruína, eles acham que é um prazer e um proveito, ao mesmo tempo.

Ademais, a obliteração do sentimento moral encoraja-os contra as obsessões do remorso.

Assim, simultaneamente, vivem os filhos da dona da casa em promiscuidade com os das negras. À medida que crescem, a linha de separação se estabelece, brutal e inflexível, entre esses filhos de um mesmo pai. Por fim, os irmãos são escravos dos irmãos e apanham deles. Mais tarde, na idade das paixões, os jovens senhores esquecem facilmente que essas belas mulatas, de andar indolente e olhares inflamados, são suas próprias irmãs.

[440]

Terminaremos este estudo por um fato monstruoso, incrível, que resume, mais ou menos, todas as abominações, todas as ignomínias, todas as baixezas que a escravatura arquiteta.

Um lavrador, português de origem, estabelecido na província de Mato Grosso, ao norte de Diamantina, habitava uma pequena fazenda às margens do rio do Ouro, com sua mulher e seis escravos, sendo dois negros e quatro negras. Entregava-se não somente à cultura da terra, mas também ao comércio do rebanho humano. Assim, cada africano tinha duas esposas exclusivamente suas.

A mulher do fazendeiro, de fecundidade prodigiosa, deu-lhe em três anos cinco herdeiros. Suas quatro negras, por sua vez, foram mães três vezes cada uma.

Como pai, como agricultor, como proprietário de escravos, o português não tinha mais nada a desejar no presente, e o futuro apresentava-se-lhe com cores invejáveis.

[441]

Infelizmente o seu negócio foi subitamente interrompido pela invasão da febre amarela. O flagelo devastou Diamantina e assolou cruelmente as vizinhanças do rio do Ouro.

O lavrador foi dos que mais sofreram. Em poucos meses perdeu três filhos e dez escravos. Restavam-lhe agora apenas dois e uma só negra.

O português era homem de recursos, o que provou facilmente.

Eis a singular combinação que ele imaginou, não somente para conjurar a sua ruma, como também para restabelecer a fortuna seriamente comprometida.

É chegado o momento de lembrar ao leitor as reflexões que nos inspirou o despotismo feroz de certos fazendeiros.

O criador habitava um canto isolado, no fundo de uma província maior que toda a Alemanha, e onde, por conseguinte, a ação da lei não o atingia.

Exercia, na verdade, um poder ilimitado, e seus atos não eram julgados senão pela sua consciência. Ora,

consciência desse ser ignorante, cúvido e brutal, segredava-lhe que todos os meios eram bons para fazer fortuna.

Começou por adquirir uma vaca leiteira. Depois, à força de ameaças e maus tratos, forçou sua mulher a coabitar com um negro. Ele próprio acabou por apossar-se da negra.

Esses cruzamentos deram magníficos resultados. Uma prole de mulatos substituíra, pois, a de negros.

[442]

Cada ano as duas mulheres davam ao mundo duas crianças, às quais a vaca fornecia uma alimentação substancial. A produção não cessou mais, e ao cabo de cinco anos a perda de dez escravos tinha sido reparada. O especulador vendeu quatro dos mestiços que a febre amarela lhe poupou e dois dos novos mulatinhos. Com o dinheiro comprou duas negras e um vigoroso escravo de vinte anos.

No ano seguinte, desfez-se ainda de dois mulatos e adquiriu mais uma negra.

Continuando esse execrável sistema de criação e permutas, o lavrador possuía, no fim do décimo ano, um capital de vinte e cinco escravos, dos quais dez mulatos e quinze negrinhos, e ainda mais, nove rapazes na força da idade, dentre os quais três soberbos rebentos e seis negras.

Será necessário declarar, depois das explicações dadas acima, que cada mulato era registrado com o nome de uma escrava, e assim, colocando o seu infame negócio sob a proteção da lei, o lavrador vendia impunemente a prole de sua mulher e a sua própria?

[460]

Isso se passou em 1644.

‘Mas todo o fato provocado por uma ideia justa produz, cedo ou tarde, alguns frutos. A tentativa de estabelecimento dos escravos ocasionou consequências as mais graves. Porto Calvo continuava a existir na imaginação da raça oprimida, e as descrições que se ouviam misteriosamente, depois das lutas, exaltavam a coragem e a desgraça dos que haviam sonhado uma independência no deserto. Os ânimos inflamaram-se. Organizou-se um complô, e em 1650, quarenta negros da Guiné, cheios de um amor ardente pela liberdade, conseguiram quebrar os seus grilhões. Apoderaram-se de alguns fuzis e abalaram para o lugar escolhido anteriormente pelos patrícios negros, não receando estabelecer-se sobre as ruínas do antigo quilombo.

Em pouco tempo, o número foi acrescido por todos os negros descontentes dos arredores. O quilombo não tardou em se transformar numa cidade, que se chamou Palmares. Faltavam mulheres àqueles escravos emancipados. Sem o saber, eles imitavam os romanos. A exemplo destes, os negros consideravam, como lhes pertencendo, todas as mulheres brancas, negras ou mulatas que viviam nos arredores, e foram buscá-las à mão armada’. [citando Rocha Pitta]

6. GRAHAM: VIDA DE NEGRA

GRAHAM, Maria. **Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada nesse País durante Parte dos Anos de 1821, 1822 e 1823**. Tradução: Américo Jacobina Lacombe. São Paulo. Cia Editora Nacional, 1956. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, Vol. VIII).

Publicação original:

Maria Graham. *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*. Longman, etc., and John Murray, London, 1824.

Sobre e o autor e a obra:

A escritora e pintora britânica escreveu um livro valioso, sobretudo para o conhecimento da vida social do Rio de Janeiro daquela época, bem como pelo fato de constituir um dos raros relatos femininos sobre o Brasil. Além disso, essa edição da obra inclui notas da autora, redigidas por ocasião de sua segunda viagem ao Brasil, quando assumiu o cargo de preceptora da princesa Maria da Glória, futura rainha de Portugal.

Negra, escrava, mulher

[116]

[Sábado] 28 [de setembro] [1821] Esta manhã, antes do café, olhando pela janela da casa do Senhor Stewart, vi uma mulher branca, ou antes um demônio, surrando uma pobre negra e torcendo seus braços cruelmente enquanto a pobre criatura gritava angustiadamente, até que nossos homens interferiram. Bom Deus! Como pode existir este tráfico e estes hábitos de escravidão! Perto da casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. Em um vi uma criança de cerca de dois anos à venda. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso estas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que eles raramente recebem suficientemente. Agora, o dinheiro também está tão escasso que não se encontra com facilidade um comprador. Mais

[117]

uma angústia se acrescenta à escravidão: o desejo vão de encontrar um senhor! Vintenas dessas pobres criaturas são vistas em diferentes cantos das ruas com todos os sinais de desespero. E se uma criança tenta arrastar-se por entre eles, em busca de um divertimento infantil, a única simpatia que ele pode provocar é um olhar de piedade. Estarão errados os patriotas? Eles puseram armas nas mãos dos novos negros, enquanto as lembranças da pátria, do navio negreiro e do mercado de escravos lhes estão frescas na memória.

Fui hoje ao mercado, onde há pouca cousa: carne de vaca rara e cara, não há carneiro, poucas aves, escassos porcos, repugnantes, porque são alimentados na rua, onde se atira tudo, e onde eles e os cães são os únicos encarregados da limpeza. O bloqueio é tão estrito que até as verduras dos terrenos particulares dos moradores, a duas milhas das sentinelas, são detidas. Não se encontra leite. O pão com farinha de trigo americana é, pelo menos, duas vezes mais caro que na Inglaterra, e os bolos de mandioca cozidos com leite de coco não estão ao alcance da gente pobre para que possa abastecer-se

suficientemente. A lenha está extravagantemente cara, o carvão raro. Os negros fazem as compras, poucos por conta própria, na maior parte por conta dos senhores. O vestuário dos negros livres é igual ao dos portugueses nativos da terra: jaqueta de linho e calças. Nos dias de cerimônia, uma jaqueta de pano e um chapéu de palha compõem tanto um negro como um cavalheiro branco. As mulheres em casa usam uma espécie de camisola que deixa demasiado expostos os seios. Quando saem usam ou uma capa, ou uma manta; esta capa é frequentemente de cores vivas. Também os sapatos, que são o sinal de liberdade, são de todas as cores, menos o preto. Correntes de ouro para o pescoço ou para os braços e brincos, com uma flor no cabelo, completam o vestuário da mulher pernambucana. Os negros novos, tanto homens quanto mulheres, não usam nada senão um pano em torno dos rins. Quando são comprados é costume dar às mulheres uma camisa e uma saia e aos

[118]

homens ao menos uma calça, mas isto muitas vezes se suprime.

[126]

Cerca de duas milhas adiante do último posto avançado das tropas de Luís do Rêgo, chegamos ao primeiro posto dos patriotas, em uma casa de campo numa encosta, com armas ensarilhadas à frente, e uma espécie de guarda esfarrapada, consistindo num negro de olhar alegre, com uma espingarda de caça, um brasileiro com um bacamarte, e dois ou três sujeitos de cor dúbia com cacetes, espadas, pistolas, etc., que nos disseram haver ali um oficial. Após alguns minutos de conversa, verificamos que ele não tinha autorização para receber nossa carta, de modo que marchamos sob a direção do velho brasileiro de bacamarte, que ia a pé, e ameaçou atirar-nos se tentássemos andar mais depressa do que ele. O passo lento com que andávamos deu-nos ensejo para notar as belezas da primavera brasileira. Plantas brilhantes, com pássaros mais brilhantes ainda voando sobre elas, flores de agradável cheiro, laranjas e limões maduros, formavam um belo primeiro plano para as belíssimas árvores das florestas que cobriam as planícies e revestiam os flancos dos morros baixos na vizinhança de Pernambuco. Aqui e ali abre-se um pequeno espaço para a plantação da mandioca, que nesta estação é verde exuberante: as cabanas de madeira dos plantadores são geralmente à beira da estrada e, pela maior parte, cada uma tem seu pequeno pomar de mangueiras e laranjeiras. Numa dessas pequenas propriedades de família, encontramos uma bela e grande casa de guarda, colocada na encruzilhada de quatro caminhos. Aí o nosso guia a pé nos deixou; um jovem e elegante oficial de caçadores brasileiros passou a cavalgar a nosso lado. Conversou conosco chamando Luís do Rêgo de tirano, e atribuindo o sítio de Pernambuco inteiramente à obstinação do governador em não unir-se ao povo da província para derrubar o domínio do seu senhor. Em torno da casa de guarda um grupo de jovens negras, de largos e rasos

[127]

cestos na cabeça, vendiam frutas e água fresca. Tinham os cabelos lanudos ornados de guirlandas feitas de alteia escarlata, bem como as beiradas das cestas. Seus xales de azul claro ou brancos estavam atirados com graça por sobre os escuros ombros e as saias brancas. Era um quadro tal como os antigos espanhóis imaginariam o Eldorado.

[157]

Quarta-feira, 24 de outubro [1821] O Senhor Pennell, sua filha e poucos amigos mais vieram conosco num passeio a Itaparica²¹ uma grande ilha que forma o lado ocidental da Baía de Todos os Santos. Dela parte um banco pelo mar a dentro e há recifes de rochas corallinas nas diferentes partes da sua costa. A distância da

[158]

cidade ao desembarcadouro mais próximo na ilha é de cinco milhas, que a tripulação de nossos barcos venceu a remo em menos de duas horas. Arribamos entre dois recifes num pequeno molhe pertencente à fazenda de Aseoli [Accioli] ou Filisberti, ambos os quais foram sócios do estabelecimento comercial de Jerônimo Buonaparte aqui(*).²² Não há cidade em Itaparica, mas sim uma vila, ou aldeia, com um forte na Punto [Ponta] de Itaparica que domina a passagem entre ela, o continente e também a foz do rio, na qual fica Nazaré da Farinha, assim chamada pela abundância da produção deste artigo. Há também muitas fazendas que, com suas construções para escravos e gado, podem ser consideradas como outras tantas povoações. Cada fazenda de açúcar, ou engenho, como as fazendas são mais geralmente chamadas aqui, tem sua pequena comunidade de escravos em torno; e nas suas cabanas podem usufruir alguma coisa semelhante às bençãos da liberdade, nos laços e benefícios da família, que eles não estão impedidos de manter. Entrei em várias das cabanas e achei-as mais limpas e mais confortáveis do que esperava. Cada uma contém quatro ou cinco quartos e cada quarto parecia abrigar uma família. Estes escravos de fora da casa, pertencentes aos grandes engenhos, estão em geral em condição muito superior aos escravos pertencentes aos senhores

[159]

cuja posição é mais próxima à deles, porque “Quanto mais o senhor está distante de nós em lugar e categoria, mais liberdade usufruímos, menos são inspecionadas e controladas nossas ações, e mais pálida fica a cruel comparação entre nossa própria sujeição e a liberdade, ou mesmo o domínio de outro”. Mas, na melhor das hipóteses, os confortos dos escravos serão precários. Aqui não é raro conceder a um escravo a alforria quando ele está muito velho ou muito doente para trabalhar, isto é, pô-lo pela porta a fora para mendigar ou morrer de fome. Há poucos dias, ao voltar de um *pic-nic*, um grupo de

²¹ Nota 71: “Francisco da Cunha e Meneses foi governador da Bahia de 1802 a 1805”.

²² (*): “Refere-se a autora, certamente, ao Marechal José Inácio Acciavoli, que depois se assinou Accioli. Era natural do Sergipe e fez carreira militar, reformando-se em 1818 no posto de Marechal-de-Campo. Faleceu na Bahia em 1826. Reuniu considerável fortuna e tratava-se à lei da nobreza. Recebeu em sua casa o príncipe Jerônimo Bonaparte, de passagem pela Bahia em 1806, e presenteou-o com uma valiosa espada de ouro. O príncipe, por sua vez, ofereceu-lhe rica baixela de ouro e prata, que passou aos herdeiros do Marechal, Barros Pimentel e Pedroso. (V. Carvalho Júnior, “Biografia do Marechal José Inácio Acciavoli de Vasconcelos Brandão”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Sergipe”. Vol. II, fasc. 1, 1914, pp. 60-62.) Quanto a Filisberti parece evidente tratar-se de Felisberto Caldeira Brant, futuro marquês de Barbacena, também militar e igualmente grande comerciante na Bahia e a quem o príncipe Jerônimo ofereceu uma espada. (V. A. A. de Aguiar, Vida do Marquês de Barbacena, Rio, 1896, p. 101.) Tanto Accioli quanto Brant concorreram para a recepção e para o fornecimento de víveres à esquadra do príncipe Jerônimo. Não conseguimos apurar, porém, qual seria o estabelecimento comercial do príncipe de que ambos seriam sócios; “both of whom were partners in Jerome Buonaparte's commercial establishment here”, diz a Autora. (V. F. Borges de Barros, Novos documentos para a História colonial. Primeira parte: Jeronymo Bonaparte. Sua estadia na Bahia. Bahia, 1932; Donatello Grieco, Napoleão e o Brasil, Jerônimo Bonaparte na Bahia. Rio, 1939 p. 61.)”

cavalheiros encontrou uma pobre negra em estado miserável, jazendo à margem da estrada. Os cavalheiros ingleses recorreram aos companheiros portugueses para que lhe falassem e a confortassem, pensando que ela os entenderia melhor. Mas eles disseram: “Oh! E só uma negra, vamos embora!” E assim fizeram, sem querer saber mais dela. A pobre criatura, que era uma escrava despedida, foi levada para o hospital inglês, onde morreu dentro de dois dias. Suas doenças eram idade e fome.²³ Os escravos que vi trabalhando na destilaria pareciam magros, e, deveria dizer, esgotados. Mas informam-me que só durante os meses de destilação eles parecem assim, e que nas outras épocas são tão gordos e alegres como os da cidade, o que será muito bom. Eles têm aqui uma igreja e um cemitério, e como veem que a sorte deles é a sorte de todos, ficam tão consolados quanto podem ficar os escravos.

[166]

Terça-feira, 6 de novembro [1821] O “Morgiana”, sob o comando do capitão Finlaison, chegou do Rio de Janeiro. Pertence à estação da África, e veio ao Brasil por causa de algum negócio de presa ligado ao comércio de escravos. O capitão Finlaison conta-me coisas que me fazem gelar o sangue acerca de horrores cometidos, especialmente nos navios negreiros franceses: jovens negras, metidas em barricas e atiradas ao mar quando os navios são perseguidos; negros presos em caixas quando o navio é revistado, com uma remota possibilidade de sobreviver à prisão. Mas uma vez que se admite o tráfico, não admira que o coração se torne duro para os sofrimentos individuais dos escravos. Outro dia tomei alguns jornais velhos da Bahia, exemplares da Idade do Ouro, e encontrei na lista dos navios entrados durante três meses deste ano os seguinte dados:

[167]

De modo que da carga desses cinco navios, calculada assim acidentalmente, mais de um quinto morreu na travessia.

[177]

19 de dezembro [1821] Passei a cavalo, ao lado de Langford, por um dos pequenos vales ao pé do Corcovado. É chamado Laranjeiros [Laranjeiras], por causa das numerosas árvores de laranjas que crescem dos dois lados do pequeno rio que o embeleza e o fertiliza. Logo à entrada do vale, uma pequena planície verde espraia-se para ambos os lados, através da qual corre o riacho sobre seu leito de pedras, oferecendo um lugar tentador para grupos de lavadeiras de todas as tonalidades, posto que o maior número seja de negras. E elas não enriquecem pouco o efeito pitoresco da cena. Geralmente usam um lenço vermelho ou branco em volta da cabeça, uma manta dobrada e presa sobre um ombro e passando sob o braço oposto, com uma grande saia. É a vestimenta favorita. Algumas enrolam uma manta comprida em volta delas, como os indianos. Outras usam

²³ Nota 72: “O costume de expor os escravos velhos, inúteis ou doentes numa ilha do Tibre para ali morrer de fome, parece ter sido assaz comum em Roma. Os que se salvassem após terem sido assim expostos, tinham a liberdade concedida por um edito do Imperador Cláudio, no qual era proibido matar qualquer escravo somente por velhice ou doença.” “Podemos imaginar o que fariam outros, quando Catão, o antigo, professava a máxima que se devia vender os escravos demasiado velhos por qualquer preço, em vez de conservar uma carga inútil.” Discursos sobre o Povoamento das Antigas Nações.

uma feia vestimenta europeia, com um babadouro bem deselegante amarrado adiante. Em torno da planície das

[178]

lavadeiras, sebes de acácias e mimosas cercam os jardins, cheios de bananeiras, laranjeiras e outras frutas, que cercam cada vila. Além destas, as plantações de café estendem-se até bem alto na montanha, cujos cumes pitorescos limitam o cenário. As casas de campo não são aqui nem grandes nem luxuosas, mas são decoradas com varandas e têm geralmente uma bela escadaria até a casa de residência do dono, junto à qual estão, ou os paióis, ou as casas dos escravos. Todas têm portão, qualquer que seja a casa, e este portão geralmente conduz ao menos a uma aleia onde se cultivam todas as espécies de flores. O Brasil é especialmente rico em esplêndidas trepadeiras e arbustos. Estes são entremeados com flores de laranja e limão, o jasmim e a rosa do oriente, de modo que o conjunto é uma massa de beleza e fragrância. É difícil saber quem mais apreciou esta manhã, se eu, ou o meu doente. Com poucas delas creio que não há doença que não desapareça.

[220]

Algumas perguntas feitas pelo Senhor P. acerca dessa pessoa induziram-me a perguntar sua história. Parece que é ele um mulato remador, o escravo de mais confiança

[221]

da fazenda, e rico, porque foi tão industrioso que conseguiu uma boa porção de propriedade privada, além de cumprir seus deveres para com o senhor. Na sua mocidade, e ainda não é velho, havia-se ligado a uma negra crioula, nascida, como ele, na fazenda; mas não se casou com ela senão quando obteve bastante dinheiro para comprá-la, de modo que seus filhos, se os tivesse, nascessem livres. Desde esse tempo enriqueceu bastante para comprar a sua própria liberdade, mesmo pelo alto preço que um escravo como ele deve alcançar, mas o seu senhor não lhe quer vender a alforria, por serem os seus serviços valiosos demais para dispensá-los, apesar de sua promessa de ficar trabalhando na fazenda. Infelizmente, esta gente não tem filhos. Portanto, pela morte deles, a propriedade, agora considerável, reverterá ao senhor. Se tivessem filhos, como a mulher é livre, eles poderiam herdar a propriedade materna e não há nada que possa impedir ao pai transferir à esposa tudo o que possui. Gostaria de ter o talento de escrever uma novela a respeito dessa história de escravos; mas os meus escritos, como os meu desenhos, não conseguem ir além da descrição da natureza e permito que melhores artistas possam aproveitar o assunto.

[316]

O jogo abriu caminho para a ceia, refeição quase tão cerimoniosa e tão constante como o jantar. Depois dela, foi servido queijo assado, com rodela de bolo de farinha, torradas de fresco e untadas com muito pouca manteiga irlandesa; são a mesma coisa que o pão de Casava das Índias Ocidentais, mas preparados aqui aproximam-se mais dos bolos de aveia escoceses. Quando fui para meu quarto à noite, entrou uma bela e jovem escrava com uma grande bacia de água morna e uma toalha franjada sobre o braço e ofereceu-se para lavar-me os pés. Pareceu desapontada quando lhe disse que nunca permitia que

ninguém me fizesse isso, ou me ajudasse a despir em qualquer tempo. De manhã ela voltou, e tirando o banho dos pés, trouxe toalhas novas, uma grande bacia de prata lavrada e um jarro, cheio de água morna, que deixou sem dizer palavra. Disse a sua senhora que eu era uma pessoa muito sossegada e que, pensava ela, não gostava de ninguém, a não ser de seu povo e, portanto, não me incomodaria.

7. KIDDER: AS NEGRAS E SEUS COSTUMES

KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James Cooley. **O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo v.1(1941)**. Tradução: Elias Dolianit. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1941. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, Serie V Vol. CCV).

Publicação original:

James Cooley Fletcher, Daniel Parish Kidder. *Brazil and the Brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches*. Philadelphia: Childs & Petterson, 1857.

Sobre o autor e a obra:

O missionário metodista Daniel P. Kidder, que visitou o Brasil na época da Regência, publicou suas observações sobre o país em 1845 na Filadélfia. Esse texto, consideravelmente ampliado por outro religioso, o presbiteriano James C. Fletcher, que viveu entre nós de 1851 a 1865, constitui o original do presente volume. Além de apresentar um resumo da história do Brasil, a obra descreve o Rio de Janeiro e as regiões serranas vizinhas, relatando o modo de vida e os costumes de seus habitantes, tendo sido durante muitos anos o livro mais divulgado sobre o nosso país nos Estados Unidos.

Negra, escrava, mulher

[116]

Um riacho sombrio porém límpido deixa correr suas águas borbotantes através de largos leitos escavados nos barrancos, que ficam entre dois esporões a pique da montanha do Corcovado. Passando por suas margens, veem-se grupos de lavadeiras dentro d'água ou batendo roupa sobre as pedras que se espalham em blocos ao longo do riacho. Muitas delas vêm da cidade, de manhã muito cedo, carregando suas pesadas trouxas de roupa suja na cabeça e, à tarde, voltam com roupas limpas na água corrente e coradas ao sol. Veem-se vários pontos fumegando fogo, onde cozinham a comida; e grupos de criancinhas brincam em volta delas, algumas bastante crescidas para engatinhar até junto de suas mães; a maior parte, porém, foi carregada até ali nas costas das sobrecarregadas lavadeiras. Mulheres escravas, de vários ofícios, podem ainda ser vistas carregando seus filhos; mas as lavadeiras não trabalham mais seminuas como trabalhavam.

[130]

Qual seria a condição moral ou os sentimentos humanos dessas numerosas pessoas que deliberadamente contribuem para expor a vida das crianças? Uma circunstância peculiar ligada a esse estado de coisas e o fato alegado de que muitos dos expostos são produtos das mulheres escravas, cujos senhores, não desejando os aborrecimentos e as despesas da manutenção das crianças ou desejando os serviços das mães como amas de leite, exigem que as crianças sejam enviadas à Enjeitaria, onde, se conseguem sobreviver, serão livres. Um grande edifício para a acomodação dos expostos está sendo construído no largo da Lapa.

[151]

No Rio de Janeiro os pretos pertencem a muitas tribos, algumas inimigas entre si, com diferentes usos e linguagens. Os negros minas conservam-se ainda maometanos, porém os outros se dizem católicos. Muitos deles entretanto continuam suas práticas pagãs. Em 1839, o Dr. Kidder assistiu a um enterro no Engenho Velho, que era da mesma espécie dos curiosos costumes de enterramento, que os viajantes africanos contemplaram no Rio Gaboon. É raro não se ver, nos balaies onde as quitandeiras carregam suas frutas, um fetiche. O mais comum é um pedaço de

[152]

carvão, com o qual, informava-nos confusamente a sua dona preta, o “mau olhado” era afastado. Há uma singular sociedade secreta entre os negros, nas quais os mais altos postos são destinados ao homem que destruiu maior número de vidas. Não são tão numerosas como antigamente, mas às vezes atacam os inocentes. Esses pretos se denominam a si próprios capoeiras e, durante uma festa, saem aos bandos pelas ruas, à noite, e atiram-se sobre os pretos que por ventura encontram em seu caminho. Raramente atacam os brancos, talvez por saberem quanto isso lhes custaria caro.

[169]

A Quinta-feira da Agonia, da mesma forma que os ingleses a celebram, é guardada da meia-noite desse dia, até à meia-noite do dia seguinte. Suspendem-se todos os toques de sinos, explosões de foguetes. A luz do dia é eliminada de todas as igrejas; os templos são interiormente iluminados com círios de cera, no meio dos quais, no altar-mor, é exposto o Santíssimo. Dois homens ficam de pé em roupagens de seda vermelha ou púrpura, para guardá-lo. Em algumas igrejas a efígie do Corpo de Cristo é colocada deitada por baixo de uma pequena redoma, com uma das mãos à mostra para que a multidão a beije, depositando esmolas numa salva de prata, que se acha ao lado. À noite, o povo passeia pelas ruas, visitando as igrejas. É também ocasião para troca geral de presentes, que revertem principalmente em benefício das mulheres escravas, que têm então ocasião de preparar e vender doces, para seu lucro.

[188]

Podemos inferir que os hábitos dos servos eram os mesmos no tempo de Salomão que no Brasil de hoje. A julgar pelo menos pela série de contrariedades que dão às suas senhoras. Uma dama de alta classe no Brasil declarou que havia perdido inteiramente a sua saúde na interessante ocupação de repreender negrinhas, de que possuía algumas dezenas, e não conhecia que ocupação lhes dar a fim de evitar que vadiassem. Uma senhora, de família nobre, pediu um dia a uma amiga minha, que lhe dissesse se conhecia alguém que desejava lavar roupa fora, pois ela tinha nove escravas preguiçosas em casa, para as quais não tinha ocupação. Contou melancolicamente a sua história, dizendo “É um princípio nosso não vender nossos escravos, são os tormentos da minha vida; não consigo arranjar trabalho bastante para conservá-los fora da vadiação e da preguiça.” Uma outra disse: “Os meus pretos são a minha morte”.

[189]

O mercado, junto do Largo do Paço, é um ponto agradável de se visitar nas horas frescas da manhã. Ramos de flores perfumam o ambiente, e as verduras e frutos vistosos

contrastam com o rosto escuro das imponentes negras minas que os vendem. “Qual é o preço disto?” “Quanto o Sr. dá?” é a resposta infalível; e aí daquele que oferece o primeiro preço de inocente comprador, na sua tentativa de negociar com essas damas de ar majestoso, cuja aparência parece indicar que, para elas, vender ou não vender é igualmente indiferente, está abaixo de suas preocupações.

8. KOSTER: AS NEGRAS NORDESTINAS

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1942. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, SÉRIE V Vol. CCXXI).

Publicação original:

Henry Koster. *Travels in Brazil*. Londres, Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, Paternoster –Row. 1816.

Sobre o autor e a obra:

O relato do viajante inglês, que foi proprietário de engenho e terras no Brasil entre 1809 e 1820, contam valiosas descrições da estrutura socioeconômica do Nordeste no início do século XIX, ocupando-se da escravidão, das relações entre as etnias, da família, da religião e das mentalidades. O livro focaliza especialmente Pernambuco, mas se estende a outros estados da região, e inclui mapas e ilustrações de cenas urbanas e rurais, além de apêndices do botânico Manoel Arruda Câmara (1752-1810) sobre espécies vegetais úteis e a criação de jardins.

Negra, escrava, mulata

[33]

Não se encontram no Recife e Olinda albergues nem casas de cômodos um amigo do meu companheiro de viagem procurou imediatamente alguns quartos e nos forneceu cousas de que tínhamos necessidade. Eis-nos, portanto, tranquilamente instalados em nossa nova residência, tão tranquilamente como possa estar alguém quando uma vintena de negras grita sob as janelas, em todos os tons de que a voz humana é capaz, laranja, banana, doces e outras mercadorias para vender.

[36]

Algumas janelas das casas têm vidraças e balcões de ferro, mas a maioria não os possui e os balcões são cobertos de gelosias. Não se veem mulheres além das escravas negras, o que dá um aspecto sombrio às ruas. As mulheres portuguesas e as brasileiras, e mesmo as mulatas de classe média, não chegam à porta de casa durante todo o dia. Ouvem a missa pela madrugada, e não saem senão em palanquins, ou à tarde, a pé, quando, ocasionalmente, a família faz um passeio.

[49]

No sábado, pela manhã, fomos saudados pelos mugidos dos bois, grunhido de porcos e grito das escravas negras, com cestos de galinhas e muitas cousas para vender. Tudo devia ser devorado depois do meio-dia e um grande número de famílias, fatigadas da longa abstinência,

[50]

aguardava com impaciência o toque dos sinos, como sinal de começar as operações hostis, sem piedade e escrúpulo, contra perus, porcos etc., e todo o restante dessas miseráveis tribos, fadadas a vítimas indefesas da nossa natureza carnívora.

[54]

Sua tez não era mais morena que a das portuguesas em geral; seus olhos e cabelos negros, suas feições eram agradáveis. Era pequena, mas muito graciosa. Embora tenha visto outras moças bonitas, esta poderá ser indicada como o tipo branco da mulher brasileira, mas é entre as mulheres de cor que se podem fixar as mais belas, com

[55]

mais vida e espírito, maior atividade de espírito e de corpo, mais adaptadas ao clima. Os mestiços parecem ser os verdadeiros habitantes do país. As feições são frequentemente boas, e a cor, mesmo quando é desagradável nos climas europeus, não parece mal nesse ambiente, mas o padrão da ideia de beleza, segundo as convenções da Europa, os mais lindos espécimens de forma humana, tenho-os visto entre as mulatas.

[303]

Por esse tempo morreu de parto uma escrava e foi geralmente lamentada. Era uma boa serva e excelente

[304]

esposa e mãe. O pesar do marido muito pareceu loucura. Não quis comer senão no outro dia, quando um dos seus filhos o persuadiu que tomasse algum alimento. Até a época da minha partida para Pernambuco, não havia recobrado seu antigo espírito e não falava da mulher sem lágrimas nos olhos. Outros escravos ficaram, alguns dias depois da morte, acabrunhados, e os rudes instrumentos em que era hábito tocar cada tarde à porta foram postos de lado. Por algum tempo toda alegria cessou

Nessa ocasião fui convidado para padrinho da noiva no casamento de um casal de mulatos. Aceitei e, no dia escolhido, parti para Paratibe, acompanhado por um criado livre e um escravo a cavalo. Cheguei pelas dez horas e encontrei um grande grupo de pessoas de cor reunidas. O padre, que pertencia à mesma casta, veio logo. Foi servido o almoço de carne e pirão (a pasta feita com farinha), posto sobre a mesa e uma parte dos convidados sentou-se para servir-se e outra ficou de pé, comendo também, e outra enfim, para não perder um minuto de palestra, continuando falando alto e sem interrupção. Assisti poucas cenas em que houvesse maior confusão!... Por fim fomos à igreja, conseguindo permissão de fazer o percurso montado, porque a distância era grande e eu estava coxeando devido a um acidente, e logo que a cerimônia findou, voltei para casa. A noiva era de cor morena escura, tendo o pai negro e a mãe de sangue mestiço. Estava vestida com saia de seda rosca e um véu negro cobria-lhe a cabeça e os ombros. Tinha sapatos brancos e meias brancas, com os cantos bordados. O noivo era igualmente de cor escura. Vestia casaco de tecido castanho, forro bordado a seda e calças de nanquim. Tinha sapatos de fivela larga e tricórnio. Ambos eram jovens, e pareciam embaraçados com o exagero da roupa que usavam. A cena do jantar era um contrapeso à do almoço,

[305]

com o acréscimo de maior barulho e de confusão maior, havendo maior número de convidados e mais avantajados goles de aguardente e de vinho. Escapei logo que me foi possível, mas não me arrependi de ter estado presente aos acontecimentos do dia.

[311]

Alcançamos o engenho de Camassari, pertencente aos frades carmelitas. Está em grande ordem, isto é, os escravos e o gado estão em situação ótima, e tudo aparece com um aspecto promissor, mas seria mais produtivo se a vigilância aos trabalhadores fosse mais contínua. Olhei o engenho que é movido pela água e vi algumas mulatas bonitas e moças, pondo as canas na moenda. Vestiam casacos de algodão estampado, camisas de cambraia musselina e tinham ao pescoço e às orelhas enfeites de ouro. Estavam cantando em coro, bem sofrivelmente. A diferença é notável entre os engenhos que pertencem aos conventos e os que são da posse de particulares que aí residem, e que têm um interesse direto em todos os menores aumentos e diminuições nos ganhos. As propriedades dos frades é trabalhada quase exclusivamente pela escravaria nascida no local, e tudo decorre com regularidade tranquila. Se a produção é valiosa, o mais satisfeito é o

[312]

chefe temporário da comunidade, mas se, pelo contrário, o rendimento foi diminuto, nem por isso os negócios conventuais deixam de seguir seu ritmo ordinário.

[354]

Os negros dessa nação mostram muito respeito para com seus soberanos. O homem que desempenhava as funções de rei em Itamaracá (cada distrito possui um rei) durante muitos anos estava prestes a abdicar pela sua velhice e o novo chefe devia ser escolhido, e a indicação recaiu sobre outro velho escravo da plantação do Amparo. A rainha antiga não renunciara, continuando no posto. O negro velho que seria coroado nesse dia da festa veio pela manhã cedo apresentar seus respeitos ao vigário, que lhe disse, em tom jovial: “Perfeitamente, senhor, mas hoje estarei às suas ordens, devendo servir-lhe de capelão!” Pelas 11 horas fui para a igreja com o vigário. Ficamos parados à porta, quando apareceu um numeroso grupo de negros e negras, vestidos de algodão branco e de cor, com bandeiras ao vento e tambores soando. Quando se aproximaram, descobrimos, no meio, o rei, a rainha e o secretário de Estado. Cada um dos primeiros trazia na cabeça uma coroa de papel colorido e dourado. O rei estava vestido com uma velha roupa de cores diversas, vermelho, verde e amarelo, manto, jaleco e calções. Trazia na mão um cetro da madeira, lindamente dourado. A rainha envergara um vestido de seda azul, da moda antiga. O humilde secretário ostentava tantas cores quanto seu chefe, mas era evidente que sua roupa provinha de várias partes, umas muito estreitas e outras demasiado amplas para ele. As despesas com a sagrada

[355]

cerimônia deviam ser pagas pelos negros e por isso, no meio da igreja, estava uma mesinha, com o tesoureiro dessa irmandade preta e outros dignitários, e sobre ela uma pequena caixa para receber o dinheiro. Tudo ia lentamente, muito mais lentamente que o apetite do vigário, que nada comera, embora fosse perto do meio-dia, porque ele e outros

padres assistentes deviam cantar a missa. Consequentemente, aproximou-se da mesa e começou a falar aos diretores, declarando que não iria ao altar antes que a despesa fosse paga. Divertia-me muito vê-lo cercado pelos negros e entediado pela falta de pontualidade nas suas contribuições. Houve a seguir um rumor na igreja entre os pretos. O vigário havia exprobrado alguns deles e logo que este os deixou, começaram a discutir uns com os outros, em voz alta e com palavras zangadas, sem respeito pelo local. Foi uma cena muito interessante para mim e para outras pessoas, mas tudo se passou rapidamente. Por fim, suas majestades ajoelharam-se ante a grade do altar-mor e a missa começou. Terminado, o novo rei devia ser coroado, mas o vigário estava com fome e desempenhou-se sem muitas cerimônias. Segurou a coroa, na porta da igreja, o novo soberano apresentou-se e foi mandado ajoelhar, a insígnia lhe foi posta e o vigário disse: “Agora, senhor rei, vai-te embora!”

[400]

Um dia, o velho me veio ver, com a face espavorida, e mostrou-me uma bola de folhas, amarrada com cipó, encontrada sob um par de tábuas, sobre as quais dormia no terraço, tendo deixado a casa do amigo e se hospedado na nossa. Esse molho de folhas era do tamanho de uma maçã. Só compreendi a razão do seu terror quando

[401]

me disse que era uma mandinga, posta ali com o fim de fazê-lo morrer, e deplorava amargamente sua sorte, tendo, na sua idade, alguém que lhe desejasse a morte, tirando-o desse mundo antes de Nossa Senhora chamá-lo para ela. Eu sabia que duas negras estavam em discórdia, e as suspeitas recaíram sobre uma que tinha relações com o velho mandigueiro do Engenho Velho, e a mandei chamar. Julguei logo que a mandinga não fora feita para o velho Apolinário, e sim para uma das negras cujo serviço era limpar o terraço. Ameacei de prendê-la no Pilar e de enviá-la para o Pará, se não descobrisse o mistério, e ela revelou, mas somente depois de ouvir-me ordenar ao feitor que se preparasse para conduzi-la ao Pilar. Disse-me que a mandinga estava colocada para atrair a afeição de um dos negros que preferia uma sua companheira. A bola da mandinga era formada por cinco ou seis espécies de folhas de árvores, entre outras a da romanzeira. Havia também dois ou três farrapos, areia de um tipo especial, cinzas de ossos de algum animal, e podia conter outros ingredientes que não identifiquei. A mulher queria protestar sua ignorância, e possivelmente nada sabia sobre os elementos contidos na bola. Tomei a sério o caso da mandinga porque sabia a fé que não somente os vários negros têm nela, mas igualmente os mulatos, e declarei que estava zangado com quem tivera aquela intenção criminosa e não porque acreditasse nos seus efeitos. Há outro nome para essa espécie de encanto. É feitiço, e os iniciados são feiticeiros. Num canavial de São João, na ilha, havia um desses feiticeiros causando tanto pavor que o seu dono o vendeu para o Maranhão.

[483]

Os brasileiros de alto nascimento e de grandes propriedades não gostam de casar com pessoas cujo sangue mestiço seja demasiado visível e daí resultam circunstâncias curiosas. Um homem dessa classe apaixona-se por uma mulher de cor, vivem juntos em sua própria casa e, dentro de curto tempo, é visitado pelas senhoras casadas. Ela governa os assuntos domésticos, age e se considera como sua esposa, e frequentemente nascem

vários filhos, e, quando ambos já não são jovens, casam-se. Decorrentemente, essas pessoas são muito mais ligadas que nos matrimônios entre elementos pertencentes a duas famílias de primeira classe porque esses últimos casaram mais por conveniência do que por afeição e, às vezes, só se viram pela primeira vez poucos dias antes da cerimônia matrimonial. Ocorre também que a inclinação, necessidade ou conveniência obrigue ou decida o homem a se separar da mulher com quem vivia. Nesse caso, ele a dotará e ela casará com um homem de sua condição, mais a julgando uma viúva do que pessoa de procedimento irregular. São raros os casos de infidelidade nessas mulheres. Elas se prendem ao homem com quem vivem, administram-lhe a casa que moram com o mesmo zelo que teriam possuindo os direitos de uma legítima autoridade.

[496]

Um número considerável de escravos é libertado pela morte dos senhores, e raras são as pessoas de grandes propriedades que não alforriem alguns escravos durante a vida. Um ato de manumissão, ainda que simples, deve ser redigido. O registo desses documentos é privativo de cada escrivão público. Desta forma está evitado todo desastre ocasionado pela perda do original, porque a cópia faz fé em lei. Uma escrava que teve dez filhos e os criou deve ser alforriada pela lei ordinária, mas essas ordenações

[497]

são geralmente burladas e também o número de crianças é elevado em várias mulheres para que a lei lhes favoreça.²⁴ O preço de uma criança recém-nascida de cinco libras (vinte mil-réis), e o amo é obrigado a alforriar o infante na pia batismal se lhe apresentarem essa soma. Essa é a forma que tem levado à liberdade grande número de pessoas. A modicidade do preço anima muitos homens livres que tiveram ligação com mulheres escravas a manter seus bastardos, e existem exemplos de padrinhos que praticam esse ato tão louvável. Comumente as mulheres escravas pedem às pessoas de consideração para que sejam padrinhos de seus filhos, na esperança de que o orgulho que essa gente possui no mais alto grau as leve a não permitir que os afilhados continuem na escravidão.²⁵ Assim, por seus esforços, pelo favor dos amos ou por outros meios, os indivíduos que se libertam, cada ano, são verdadeiramente numerosos.

²⁴ Nota 6: “Esse episódio sucedeu diante dos meus olhos. Uma negra tivera dez filhos e criava nove deles. Continuava trabalhando para seus amos.

Essa mulher pediu sua liberdade porque seu último filho falecera quando já dispensava seus cuidados, mas lhe recusaram a manumissão. Foi alugada por um cavalheiro como ama de seus filhos. Tentou esse homem libertá-la por todos os meios e, não conseguindo, comprou-a e imediatamente mandou lavar sua alforria num cartório público. Voltando para casa na hora do jantar, disse a sua mulher que avisasse à ama que essa se tornara sua escrava, mas, durante a tarde, entregou-lhe o diploma de liberdade. Quando deixei o país, seu único temor era de ser mandada embora da casa, agora que estava livre, provando, desta forma, quanto era feliz”.

²⁵ Nota 7: Du Tertre diz, falando da festa do batizado negro: ‘Les parrains et les marraines qui sont ordinairement de Français amis de leurs maitres, ne laissent pas de contribuer à la bonne chère.’ *Histoire des Antilles*, tomo II, p. 528. “Escravos ou pessoas livres, de cor, são comumente os padrinhos no Brasil, mas o melhor, penso eu, seriam os escravos do mesmo amo como padrinhos, porque teriam maior interesse pelos seus afilhados. O afilhado, em todas as classes, não se aproxima de um dos seus padrinhos sem lhe pedir a bênção. Labat, falando de um negro a quem tinha feito ‘renoncer tons ses pactes implicites et explicites qu’il pouvoit avoir fait avec le diable’, diz: ‘Je chargeai son maitre, qui était aussi son parrain, de vieillir soigneusement sur sa conduit’. *Nouveau Voyage*, tomo II, p. 54. Nunca ouvi falar que um amo no Brasil fosse padrinho, e creio que tal não pôde acontecer, tal a ligação entre as duas pessoas, presas por esse liame, que o senhor não poderia mandar o escravo para o castigo”.

9. LEITÃO: DESCRIÇÕES DA MULHER NEGRA

LEITÃO, Cândido de Melo. **O Brasil visto pelos ingleses. Viajantes ingleses.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, SÉRIE V Vol. LXXXII).

Sobre o autor e a obra:

O zoólogo Cândido de Mello Leitão foi professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Dotado de extensa erudição, pretendeu historiar e sistematizar o saber biológico produzido até então sobre o Brasil. Neste livro, o brasileiro compila os textos de 15 dos mais conhecidos viajantes ingleses que percorreram o Brasil no século XIX, constituem testemunhos originais sobre a realidade brasileira, por fixarem aspectos que passavam despercebidos aos observadores locais

Negras, mulatas, mulher, escravas

[32]

Sobre os habitantes do Pará escreve Wallace: “Há o inglês de cores frescas, que parece dar-se tão bem como no clima mais frio de sua pátria, o americano pálido, o português trigueiro, o brasileiro mais corpulento, o negro alegre e o índio apático mas bem conformado; e entre eles uma centena de tons e misturas, exigindo uma vista perspicaz para diferenciá-los. Os brancos vestem geralmente roupas de linho muito limpas, sem mancha. O trajar do negro ou do índio se reduz a calças de algodão branco ou listado, a que juntam.

[33]

às vezes, uma camisa da mesma fazenda. As mulheres e meninas nas ocasiões de gala vestem-se de branco, num agradável contraste com o negro lustroso ou pardo da pele; e é então que o estrangeiro fica espantado de ver as cadeias e joias de ouro maciço usadas por essas mulheres, muitas das quais escravas. Os meninos andam nus até oito ou dez anos”.

Era tarde de novena quando os dois naturalistas fizeram seu primeiro passeio pela cidade, e entre a população que se apresentava como mistura indefinível de brancos, negros e índios, chamaram a atenção de Bates “lindas mulheres, de olhos negros e expressivos, esplêndidas cabeleiras e com as roupas mal cuidadas, pés descalços ou metidos em chinelas, mas usando brincos ricamente decorados e colares de grandes contas de ouro.” E achou “o misto de desalinho, luxo e formosura dessas mulheres no mais perfeito acordo com o resto do cenário, tão espantoso era o contraste das riquezas naturais e da pobreza humana”.

[72]

Pelas ruas não se veem mulheres, exceto as escravas, o que lhes dá aspecto tristonho. As senhoras brancas e mesmo as mulatas forras ouvem missa de madrugada e

só saem de casa em cadeirinhas ou nos passeios com toda a família, nesse cortejo solene de que falam todos os visitantes do Brasil do século passado.

[75]

Achou as pernambucanas bonitas; “mas é entre as mulatas que se encontram as mais formosas, mais vivas e espirituosas, mais ativas de corpo e de espírito”. As senhoras de sociedade conversavam muito bem, podendo abordar qualquer assunto. Aliás, nessa época de transição a que assistia, observou em pessoas da mesma categoria social maneiras muito diversas.

[93]

O trajar à francesa, que começava a ser adotado em 1803, para as visitas de cerimônia e festas públicas, se generalizara em 21, estranhando Maria Graham o excesso de joias. Já em 1802 escreve Lindley no seu diário (4 de outubro): “As mulheres de todas as classes sociais, mesmo as negras, adornam-se com correntes de ouro, de 1 a 3 jardas de comprimento, enroladas em três ou quatro voltas em roda do pescoço, tendo preso um crucifixo, santo ou bentinho de ouro. O lavor de tais cadeias e o peso dos enfeites é que marcam a diferença de suas portadoras. A senhora do capitão Velloso tinha ontem verdadeira carga, enquanto uma pobre mulher, apenas possuía fino fio de ouro com dois escapulários de seda.”

[137]

Na rua... Ouçamos a descrição de Caldcleugh “Às primeiras horas a família prepara-se para ir à igreja e marcha, quase sem exceção, na seguinte ordem: primeiro o chefe, de chapéu alto, calças brancas, jaqueta de linho azul, sapatos e meias de fivelas e com uma bengala de castão de ouro; segue-se a mulher, de cambraia branca,

[160]

Na quinta-feira de Endoenças era o lava-pés, feito pelo imperador, continuando praxe estabelecida por D. João. Em quase todas as igrejas havia exposição do Santíssimo, vendo-se as ruas cheias, de manhã à noite, de grupos bem vestidos.

Diz Walsh: “O tempo é animado pela *amêndoa* ou presentes que são enviados, e assim chamados porque originalmente eram de amêndoas; com o correr dos tempos tornou-se nome geral para os presentes de qualquer espécie, e os negros, às vezes, pedem sua amêndoa, quando querem dinheiro. A noite de Quinta-feira santa é devotada às escravas, que têm permissão de fazer amêndoas e dispôr delas em seu proveito; e à porta de cada igreja há um mercado, onde são vendidas. Aí as pobres raparigas, em seus melhores trajes, e com seus enfeites simples, expõem os trabalhos, às vezes em tabuleiros forrados de toalhas, às vezes no chão, com lanternas acesas. São confeitos de amêndoas, em cartuchos cônicos ou em cestinhas de papel picado e pintado, ou figurinhas de alfenim, de costumes e caracteres diferentes,

[161]

cheias de gulodices”.

[206]

A outra novena era a festa dos pretos, *muito mais ruidosa e rica*.

“Fui conduzido a pequena casa de porta e janela”, escreve, “que era o palácio do imperador e imperatriz da festa, um negralhão e uma negra ainda maior e mais gorda, ambos africanos puros. Estavam solenemente sentados em cadeiras postas num estrado sob docel de pano verde e amarelo, cada qual tendo na cabeça coroa de prata maciça e com colares de ouro. O homem envergava o uniforme de capitão do exército brasileiro, e a imperatriz vestido de cambraia amarela e longo manto de pano carmesim; dois negros com o uniforme de cavalaria, de sabres desembainhados, serviam de guardas de honra e várias raparigas negras, vestidas de cambraia branca, eram as damas de honra da imperatriz; estas raparigas eram escravas de várias senhoras da cidade, que tinham emprestado às negras huris todos os seus braceletes, anéis, broches e colares. Fiquei muito surpreso de ver tal exposição de joias, especialmente

[207]

quando me informaram de sua qualidade esterlina. Numa sala maior, ao lado, longa mesa coberta por toalha branca, e atopeçada do mais farto suprimento de comestíveis para a torrente de visitantes que, depois de prestar obediência às imperiais majestades, passava para esta sala. Era divertido observar a voracidade com que consumiam as vitualhas, nenhum visitante perdendo tempo em cerimônias ou em escolher coisas mais de seu agrado, cada qual tomando o que estava mais próximo. Às 8 horas suas Majestades retiraram-se da sala do trono e todos se reuniram na praça onde ardiam fogueiras, seguindo-se as danças pela noite adentro. Uma dessas danças, evidentemente indígena, chamada escuda, eclipsava o cancan que, comparado com ela, era a própria inocência; havia outras menos quentes, tais como a tambôa, a onça e o batuque. Era esquisito o feitiço desta cena ao luar: a chama das fogueiras, o saracoteio das figuras ágeis, a inspiração entranha das cantigas nos seus monótonos compassos, as gargalhadas e gritos dos borrachos, e no alto as nuvens brancas, calmas e lentas, embaçando a face da lua, tangidas pela brisa leve da noite serena, em solene contraste com o pequeno pandemônio terrestre”.

10. LEITÃO: DESCRIÇÕES DE NEGRAS PARTE II

LEITÃO, Cândido de Melo. **Visitantes do Primeiro Império**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, SÉRIE V Vol. XXXII).

Sobre o autor e a obra:

O zoólogo Cândido de Mello Leitão foi professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Dotado de extensa erudição, pretendeu historiar e sistematizar o saber biológico produzido até então sobre o Brasil. O livro é organizado de acordo com o roteiro dos viajantes no país. A cidade do Rio de Janeiro destaca-se como o principal destino, sendo objeto de sete dos 11 capítulos que compõem a obra. Os restantes dizem respeito a Salvador e Recife, respectivamente segundo e terceiro maiores centros urbanos brasileiros à época, a Santa Catarina, à travessia oceânica e ao itinerário das diversas expedições.

Negras, mulatas, mulher, escrava

[32]

Os homens livres, pretos ou brancos, vestiam calça e paletó de brim ou, nos dias de gala, de lã e chapéu de palha. As mulheres, dentro de casa, usavam cabeção que lhes deixava o peito muito descoberto; mas na rua levavam capa ou manto de cores vivas e sapatos (só permitido às mulheres livres) sempre pretos. Colares e braceletes de ouro, brincos e uma flor no cabelo completavam o vestuário feminino. Os negros novos tinham apenas um pano em torno da cintura. Uma vez comprados, forneciam os senhores camisa e saia às mulheres e calças aos homens.

[84]

Conta igualmente Freycinet: “Fui uma vez jantar com o bispo e fiquei a princípio muito surpreso de ver que estávamos colocados em torno de uma mesa enorme, embora o número de convivas fosse pouco considerável; dobrou meu espanto quando, sem que me oferecessem nenhuma das iguarias, serviram-me copiosa porção de todas elas: achei-me assim cercado de oito a dez pratos cheios, de que não me deixaram escolher este ou aquele, segundo meu gosto ou vontade”.

Retraído, pouco saindo de casa, não pode o povo do Rio de Janeiro produzir nenhuma impressão a esses viajantes, que nele se demoram apenas o curto prazo de uma escala, enquanto se calafetam os barcos, concertam as velas, renovam os víveres. A não ser um que outro desabusado, que, na frase feliz de Afonso de Taunay, seriam indignos de sentar praça

[85]

no batalhão de Epaminondas, e que se vingam das decepções em invencionices parvas, os outros apenas de passagem se referem a essa população onde quase só se viam pretos. Assim diz De La Salle, comandante de *la Bonite*: “Mas se por seu aspecto, a cidade do Rio de Janeiro lembra as cidades de Europa, o povo que circula em seus quarteirões mui

depressa destrói essa ilusão. Os homens e, sobretudo, as damas da sociedade brasileira, saem pouco de casa. Não as vemos, como suas semelhantes em França, aparecer nas ruas ou nos passeios públicos. As únicas figuras aí encontradas pertencem a todos os tons da raça africana; a custo um rosto branco se mostra de tempos a tempos no meio dessa multidão de homens e mulheres de pele mais ou menos negra, nariz achatado e cabelos encarapinhados.

[90]

O vestuário das escravas é de excessiva simplicidade: uma saia ordinária, camisa ou mesmo uma espécie de fichu que cai sobre o peito, porque nunca têm camisola. O dos escravos compõe-se unicamente de um *langeatí* (?) ou calção de algodão, raramente de uma veste. Quase sempre não passam de andrajos de repelente imundície.

[94]

Os negros forros traficam, enganam, enriquecem, afetando um luxo que procura eclipsar o de seus antigos senhores. As negras forras entregam-se à vida airada. Um costume particular distingue tais criaturas: saem vestidas de negro, envoltas num manto também preto e seguidas de várias escravas, segundo o estado de suas finanças.

São comuns as uniões de mão esquerda, mas as mulheres manteúdas, com raras exceções, não gozam de nenhuma consideração, só sendo admitidas na sociedade da ralé.

[227]

“Entretanto”, continua o mesmo viajante, “os negros escravos empregados nos trabalhos dos campos ou como domésticos, pareceram-nos tratados com doçura. Seu semblante respirava bem-estar e contentamento, porque devemos reconhecer que existem, mesmo na servidão. Nas habitações, sobretudo, parecem fazer parte da família de seus senhores, de cujos divertimentos às vezes participam. Como indumentária apenas uma cinta que lhes cobre a nudez. Os da cidade não andam mais bem trajados. Veem-se quase todos seminus, metidos em roupas velhas; e tudo, em seu andar e no seu porte, revela o orgulho que põem em paramentar-se com essas roupas usadas, que assinalam a riqueza do proprietário. As negras andam com mais decência e certa faceirice: camisola e saia curta, leve, amarrada acima dos quadris, desenham-lhes as formas robustas do corpo, e algumas há tão bem parecidas que os brancos não desdenham de buscar-lhes os favores...”

Sobre o trajar dos colonos apenas lembra Duperrey que os homens vestem à inglesa e as mulheres adotam as modas francesas, mostrando-se sob um costume simples mas elegante, cheias de vivacidade, atraentes e, não raro, bonitas.

11. LEITHOLD e RANGO: COTIDIANO DA MULHER NEGRA

LEITHOLD, Theodor von e RANGO, Ludwing von. **O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819.** Tradução: Joaquim de Sousa São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, SÉRIE V Vol. CCCXXVIII).

Publicação Original:

Friedrich Ludwig von Rango. *Tagebuch meiner Reise nach Rio de Janeiro in Brasilien, und zurück. In den Jahren 1819 und 1820 in Briefen.* Baumgaertnersche Buchhandlung, Leipzig, 1821.

Theodor von. Leithold. *Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro und von dort zurück : nebst inersführlichen Beschreibung dieser Hauptstadt, des daselbst herrschenden Tones bei Hofe und unter dem Volke, und einigen Winken für diejenigen, welche ihr Heil in Brasilien versuchen wollen.* In der Maurerschen Buchhandlung, Berlin, 1820.

Sobre os autores e a obra:

Reunião de livros de dois autores. Von Leithold desistiu em poucos meses do seu intento de se estabelecer no Brasil com fazenda de café, mas, antes disso, como parente de um conselheiro de D. João VI, conheceu e descreveu com sabor a sociedade da Corte. O livro de seu sobrinho, Von Rango, que aqui também permaneceu, é composto sob a forma de cartas, que apresentam retratos interessantes do país no período joanino. Os dois livros, recheados de elementos de primeira ordem para conhecimento da sociedade carioca no início do século XIX, permaneceram praticamente desconhecidos de nossos estudiosos. Além disso, ambos constituem raridade bibliográfica.

Negras, mulheres, escravas

[30]

O luxo das mulheres é indescritível. Jamais encontrei reunidas tantas pedras preciosas e pérolas de extraordinária beleza quanto nos beija-mãos de gala e no teatro, por certo as duas únicas ocasiões em que elas se exibem e dão asas à sua faceirice. Seguem o gosto francês, ousadamente decotadas. Os vestidos são bordados a ouro e prata. Sobre a cabeça colocam quatro ou cinco plumas francesas, de dois pés de comprimento, reclinadas para a frente e, sobre a fronte, como em torno do pescoço e nos braços, diademas incrustados de brilhantes e pérolas, alguns de excepcional valor.²⁶ Aos domingos as mulheres, tanto as brancas como as de cor, vestem-se todas de preto, na maior parte de seda, com meias de seda branca, sapatos correspondentes e sobre a cabeça um véu preto de fino crepe que cobre a metade do corpo e realça a palidez do rosto.

Não somente as portuguesas como as brasileiras e as mulatas possuem belos olhos negros.

²⁶ Nota 36: “Aludindo a esse luxo de pedrarias, Debret cita a família Carneiro Leão: “on n'estime pas à moins de six millions les diamants que portent ces dames”. Maria Graham também manifestou sua surpresa e admiração pelas jóias femininas da família Rio Sêco.”

As lavadeiras, na maioria mulatas, usam longas correntes de ouro ao pescoço e ganham nessa profissão tanto dinheiro que até se permitem ter escravas. As portuguesas de distinção também trazem tais correntes. Quanto mais pesado o ouro e longa a corrente, tanto mais prestígio ganham as classes inferiores.

[31]

Nenhuma senhora de oito a vinte anos sai à rua sem que lhe siga atrás um negro ou negra bem vestido em traje de seda; se é de família rica ou de posição, acompanham-na mais de um negro ou negra, o que é prova de ostentação, pois não se compram escravos por menos de 50 *louis d'or*. Até as meretrizes de primeira classe, que não são poucas, vias orgulhosas exibirem pelas ruas sua escolta. De resto, o caminhar arrogante, de porte erguido, é uma das características da mulher brasileira, desde a portuguesa fidalga à mais humilde das negras.

[32]

As meretrizes não são aqui privilegiadas como nas grandes cidades da Alemanha, França ou Inglaterra, porém as há em maior número: brancas, pretas e de todas as categorias, isto é, fazendo-se pagar de um a doze táleres espanhóis. De noite, entre oito e dez horas, invadem elas as ruas vestidas de tafetá preto ou de lã e envoltas em mantos. As de primeira classe saem também de dia, acompanhadas de duas escravas e dois escravos, fazendo-se passar, com suas artimanhas, por damas de qualidade, e sabem pescar o estrangeiro em suas redes. Em geral, as de primeira classe moram com uma velha matrona que faz o papel de alcoviteira e se põe à janela para esperar a patroa. Logo que esta chega, precipita-se Fernando, um dos acompanhantes escravos para lhe abrir a porta e deixá-la entrar. A velha continua à janela, esperando por alguma ou mais conquistas que sigam Dona Francisca. Se for o caso, pisca-lhe um olho, para indicar que é bem vindo e pode entrar. Quem já está familiarizado com os hábitos da terra, solta um “Viva Senhora” e, se seu piscar de olhos é respondido pela bela ou por sua confidente, dirige-se logo à porta, que lhe é aberta pelo escravo.²⁷

[34]

Negros e negras cumprimentam-se uns aos outros, na rua ou quando se encontram, ao estilo europeu: os homens tirando o chapéu com uma inclinação de cabeça; as mulheres fazendo uma reverência.

[38]

As negras costumam lavar a roupa em riachos e algumas trazem seus filhos pequenos às costas, suspensos de um pano. Enquanto elas lavam, melhor dito, batem as roupas, pois é assim que aqui se faz como, aliás, na França, as crianças tem que se aguentar nas costas das mães; e, malgrado os bruscos movimentos destas, podem dormir sossegadamente. Toda vez que eu passava por um desses riachos, tocava-me este espetáculo o coração.

²⁷ Nota 39: “A estampa 2/16 da Viagem Pitoresca de Rugendas (São Paulo, 1940) parece reproduzir uma cena semelhante, que ele intitulou: “Costumes do Rio de Janeiro””

12. SAINT-HILAIRE: IDENTIDADE NEGRA

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)**. Tradução Revista e Prefácio: Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, SÉRIE V Vol. V).

Publicação original:

Auguste de Saint-Hilaire. *Livre du Voyage que j'ai enterpris de faire de Rio de Janeiro a Villa-Rica et de Villa-Rica a S. Paul*. Pour aller chercher les 20 caisses que j'ai leissées dans cette dernière ville, 1887.

Sobre o autor e a obra:

Relato da segunda viagem do grande botânico francês (1779-1853) a São Paulo, empreendida com a finalidade de buscar as amostras vegetais lá deixadas por ocasião de sua primeira passagem pela província, em 1818. O percurso retratado pelo livro incluiu o oeste fluminense, o sul de Minas e o vale do Paraíba. Trata-se, aliás, de publicação póstuma feita trinta e quatro anos após o passamento do sábio, pelo Sr. R. de Dreuzy.

Negra, escrava, mulher.

[79]

Como já tive, muitas vezes, a ocasião de observar, os negociantes europeus estabelecidos no Brasil são quase todos grosseiros e sem educação. Muitas vezes mesmo nem sabem ler e escrever, tendo começado do nada. Enquanto os brasileiros dissipam descuidosamente o que possuem, os europeus ajuntam tostão por tostão, privando-se de tudo para se tornarem ricos. A primeira regalia que se oferecem é a posse de uma negra que lhes sirva de amante, cozinhe, limpe, lave a casa, chegando a fazer o que os americanos, em geral, só admitem aos homens, a saber, que vá buscar água e lenha. Ao se tornarem ricos, conservam a grosseria inata e a ela sobrepõe a mais insuportável arrogância, tratando com desdém os brasileiros, a quem devem a fortuna.

[88]

A dona da casa, antes de partir, tivera o cuidado de enclausurar as suas negras. Ouvimo-las cantar o dia todo, mas quando chegou a noite puseram-se a brigar, e, a lançar-se em rosto,

[89]

reciprocamente, as suas aventuras amorosas para depois continuarem a cantar como dantes.

[155]

Tão comuns os mulatos na Capitania de Minas, quanto raros nesta região; os descendentes de índios são muito pobres para comprar muitos escravos, e como as

mulheres brancas, ou ao menos as que tal parecem, sem terem real formosura, não se escondem, e são tão fáceis quanto as negras, não há tanta necessidade em recorrerem os homens a estas últimas.

[174]

Em São Paulo as negras e mulatas e em geral as mulheres do povo aparecem nas igrejas com a cabeça e o corpo envoltos em pano preto. As mulheres de classe mais elevada põem à cabeça e ombros uma mantilha de casimira preta com que escondem quase inteiramente o rosto, mantilha esta debruada de larga renda da mesma cor.

[208]

Venda do Toledo, 1º de maio de 1822, quatro léguas. Choveu toda a noite, e a atmosfera estava ainda extremamente carregada quando nos levantamos; fiquei por muito tempo incerto se prosseguiria a viagem ou não; mas vendo que não mais chovia e, além disso, sabendo da existência de ranchos por toda a estrada, decidi partir. Era então muito tarde e fui-me sem ter recebido as visitas nem do militar de ontem nem do fazendeiro. No rancho ainda permanecia um lote de negros e negras novos que um feitor conduzia a uma fazenda vizinha de Resende.

Todos eles usavam roupa nova e as mulheres tinham para vestir-se uma coberta de pano azul.

13. SAINT-HILAIRE: ESTATÍSTICA DA MULHER NEGRA EM SANTA CATARINA

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Santa Catarina**. Tradução: Carlos da Costa Pereira. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1936. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, SÉRIE V Vol. LVIII).

Publicação Original:

Auguste de Saint-Hilaire. *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*. 2 vols. Paris: Arthus Bertrand, 1851.

Sobre o autor e a obra:

O livro compreende matéria originalmente incluída na quarta parte dos relatos de Saint-Hilaire sobre o Brasil, publicada em Paris em 1851 em dois volumes, abrangendo São Paulo, Paraná e Santa Catarina. O sábio francês, que se deslocou de Goiás para o sul do país, reuniu nesses textos valiosas observações que tornam a sua obra indispensável para o conhecimento do Brasil, tanto no campo estrito da botânica a sua especialidade quanto nos aspectos físicos e sociais mais amplos.

Negra, escrava, mulher.

[147]

Excetuando Lages e mais quatro freguesias, o número de escravos casados, em 1840, na província

[148]

de Santa Catarina, era apenas de 246; nasceram em 1841, na mesma parte da província, 417 filhos de mulheres escravas²⁸; e se, como diz d'Eschwege, geralmente as negras casadas provocavam abortos, a fim de que a cor de seus filhos não traísse as suas infidelidades, não é de crer que os abortos fossem mais raros entre as negras solteiras.

[225]

A população de todo o distrito era de cerca de 9.000 indivíduos, brancos na sua maioria, existindo também alguns mestiços de índios com portugueses ou de índios com negros. Os mulatos eram muito pouco numerosos. Aliás, não é de admirar que esses últimos fossem mais raros nesta costa do que no interior de Minas, por exemplo; os aventureiros que povoaram as províncias centrais, nos primeiros tempos só tinham negras em

[226]

seus estabelecimentos, pois as mulheres brancas não os acompanhavam nessas arriscadas expedições. O litoral de Santa Catarina, porém, foi, como já tive ocasião de dizer,

²⁸ Nota 11: “A. J. Ferreira de Brito, *Fala de 1º de março de 1841*, doc. 15; *Fala de 1º de março de 1842*, p. 34.”

povoado por açorianos que vinham acompanhados de suas famílias, e, a menos que não se trate de um libertino, o homem branco só procura as negras na falta de mulheres brancas.

14. SAINT-HILAIRE: ORNAMENTOS DA NEGRITUDE

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia / EDUSP, 1975. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasileira, SÉRIE V Vol. CXXVI).

Publicação original

Auguste de Saint- Hilaire. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*. Paris, Grimbart et Dorez, 1830

Sobre o autor e a obra:

Trata-se da primeira parte dos relatos das viagens do grande botânico francês (1779-1853) pelo Brasil, originalmente publicada em Paris em 1830. Partindo do Rio de Janeiro, o cientista percorreu Barbacena, Queluz, Vila Rica (Ouro Preto), Vila do Príncipe (Serro) e a zona do rio Jequitinhonha, até atingir o Distrito Diamantino.

Negras, mulatas, mulher, escravas

[118]

Passamos um dia de festa em Barbacena, e tive ocasião de observar os trajes que as mulheres usam na igreja. A maior parte trazia sobre os ombros grandes capas de um tecido pesado e espesso, geralmente cor de rosa ou escarlata, de mangas pendentes e gola larga. As mais velhas, as menos ricas, e grande parte das negras tinham a cabeça coberta por um toucado que excedia a fronte à maneira de uma coifa, e, passando sob o queixo dessas damas, o cobria às vezes com uma parte da boca; outras senhoras mais elegantes tinham o chale arranjado como turbante, e as melhor vestidas, enfim, não usavam coisa alguma à cabeça. Essa maneira de trajar se encontra, quase sem nenhuma diferença, nas diversas partes da província das Minas.

[119]

Barbacena é célebre, entre os tropeiros, pela grande quantidade de mulatas prostituídas que a habitam, e entre cujas mãos esses homens deixam o fruto do trabalho. Sem a menor cerimônia vêm oferecer-se essas mulheres pelos albergues; muitas vezes os viajantes as convidam para jantar e com elas dançam *batuques*, essas danças lúbricas que, não o podemos dizer sem vergonha, se tornaram nacionais na província das Minas. Pela facilidade com que o dono do nosso albergue parecia permitir que se fizesse de sua casa um lugar de deboche, concebe-se que eu o tenha julgado com alguma severidade; mas, depois de ter conversado muito tempo conosco, reconheci nele um homem bastante digno, que não fazia mais que conformar-se com os costumes gerais.

[271]

A alegria que anima nossos camponeses é estranha aos habitantes das povoações da província de Minas. Com exceção dos torneios (*cavalhadas*) que às vezes se celebram pela época de Pentecostes, não conhecem outra espécie de divertimento além de uma dança que a decência mal permite mencionar, e que, no entanto, se tornou quase nacional (o *batuque*). Sua felicidade é não fazer nada; seus prazeres são os sensuais. Triste fruto

da escravidão, mulatas prostituídas encontram-se em todas as povoações, e devem necessariamente entreter aí essa depravação de costumes à qual já bastante excitam o calor do clima, o tédio e a ociosidade.

15. SAINT-HILAIRE: A NEGRA E SUA SINA

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e pelo litoral do Brasil**. Tradução: Leonam de Azeredo Pena São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, SÉRIE V Vol. CCX)

Publicação original:

Auguste de Saint-Hilaire. *Voyage dans le District des Diamans et sur le Littoral du Brésil*. Paris, Librairie-Gide, 1833

Sobre o autor e a obra:

O texto foi extraído do relato de uma das viagens do grande botânico francês (1779-1853) pelo Brasil, publicado originalmente em Paris em 1833. Compreende os capítulos relativos à região mineira do Distrito dos Diamantes e ao litoral norte-fluminense. O percurso pelo Espírito Santo, que figurou no v. 72 da coleção, foi excluído desta edição. Completa o livro, um “Resumo histórico das Revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à abdicação de D. Pedro.

Negra, escrava, mulher

[92]

Entre Itambé e Duas Pontes, que fica a quatro léguas, existe apenas exíguo número de residências, e a única fazenda um pouco importante que vi nesse trecho foi a do Couto. Aí notei um pequeno pátio cercado de muros muito altos, ao qual estava ligada uma construção separada da habitação. O pátio e o edifício eram destinados às mulheres escravas, e, cada noite o dono da fazenda tinha o cuidado de encerrar suas negras nessa espécie de gineceu. Alguns proprietários escrupulosos usam esse sistema, a fim de salvar suas escravas das perseguições dos homens.

[212]

Os negociantes portugueses estabelecidos não somente em São João como em outras partes do Brasil onde viajei, são, na maior parte, repito, homens de classe inferior, que frequentemente não sabem ler nem escrever e que começaram sem nenhum capital. Enquanto os brasileiros dissipam negligentemente tudo quanto possuem, os europeus economizam soldo a soldo, passando por todas as privações a fim de conseguir fortuna. A primeira cousa que arranjam é uma negra, que sirva ao mesmo tempo de cozinheira, amásia, lavadeira, arrumadeira e até para carregar água e lenha, trabalhos que os americanos só entregam aos escravos homens. Tornando-se ricos esses homens, conforme tive já ocasião de dizer, conservam toda a sua primitiva rudeza, e, juntando a isso uma insuportável arrogância, tratam com desprezo os brasileiros, aos quais devem sua opulência.

[230]

Meus animais estavam extremamente fatigados; resolvi não passar de Sucupira²⁹ e parei em casa de uma negra velha, cuja choupana, situada no meio da mata, era apertadíssima. Minha hospedeira estava livre e havia sido libertada por seu dono quando apresentou sinais de decadência. É um hábito comum neste país libertar os escravos quando não servem

[231]

mais para o trabalho. Mas, é preciso notar que esse sistema é péssimo. Se o negro liberto está velho não terá meios de preservar sua indigência e, ao desprezo que há por sua cor, juntar-se-á ainda o que inspiram os doentes, a velhice e a miséria. Se, ao contrário a alforria é concedida a um jovem, que seja preguiçoso e sem inteligência, sem ter aprendido nenhum ofício, ele tornar-se-á vagabundo ou mesmo ladrão e assassino. No tempo em que estive no Brasil a maioria dos negros condenados por crimes no Rio de Janeiro era constituída de libertos.

[283]

Entrando na casa do capitão-mor, achei-me em uma comprida sala cujo mobiliário se compunha de um par de mesas velhas e algumas cadeiras pintadas de vermelho e preto, semelhantes na forma às de nossos jardins. Segundo a praxe bati palmas a fim de me anunciar; uma negra veio perguntar o que eu desejava, retirando-se em seguida. Após haver esperado mais de um quarto de hora tornei a bater palmas; uma escrava reapareceu e disse-me que seu dono dormia a sesta. Durante o tempo em que esperava, havia

[284]

visto cabeças de mulheres aparecer docemente por uma porta meio aberta; devia naturalmente concluir que o capitão-mor não residia sozinho e perguntei à escrava se não havia outra pessoa a que eu pudesse me dirigir na falta do dono. A negra abriu então uma porta e eu vi em uma grande peça suja, sem móveis e em grande desordem, algumas mulheres mal vestidas, sentadas no chão, com seus filhos. Uma delas adiantou-se; era a dona da casa. Após minha partida do Rio de Janeiro ainda não havia sido cumprimentado por uma mulher; nesse particular a mulher do capitão-mor não foi mais delicada que as outras; mas deu-me permissão para me alojar no engenho e mandou dar aos meus animais uma gamela cheia de milho. A pergunta que me foi dirigida por todos os que eu encontrava não tardou a seguir esse sinal de hospitalidade; era esta: “o senhor tem mercadorias para vender?” E em verdade essa pergunta era desculpável. Em uma região onde as ideias apenas se prendem às necessidades imediatas da vida, quem poderia supor que, sem esperança de algum lucro, um homem se entregasse a tantas privações e se expusesse a tantos perigos para reunir plantas, passarinhos e insetos?

[403]

Poder-se-ia supor que em Campos, onde os proprietários não se envergonham de se entregar aos trabalhos agrícolas manuais, os escravos, tornados de qualquer modo companheiros do homem livre, fossem tratados com doçura; mas infelizmente tal não se dá. Querem fazer açúcar cada ano mais, e assim sobrecarregam os negros de trabalho,

²⁹ Nota 18: “Vide o que escrevi sobre esse caminho e sobre a serra da Viúva, em minha 1ª. Relação, vol. 1, págs. 8, 22, 51. [Nota do editor: Corresponde ao volume 126, págs. 26, 37 e 59, da coleção Brasileira.]”

sem se inquietar com o prejuízo que ocasionam a si próprios, abreviando a existência desses infelizes.³⁰ Existem perto da cidade de Campos várias fazendas onde se veem escravos doentes em consequência dos maus tratos recebidos, ao mesmo tempo que há sempre pessoas à procura de escravos, evadidos em consequência da insuportável vida que levam. Quando teve início no Brasil a campanha da abolição da escravatura, o governo ordenou aos proprietários de Campos que casassem seus escravos; alguns obedeceram a essa determinação, mas outros responderam que era inútil dar maridos às negras porquanto não seria possível criar seus filhos.

[404]

Logo após os partos essas mulheres eram obrigadas a trabalhar nas plantações de cana, sob um sol abrasador, e, quando, após afastadas de seus filhos durante parte do dia, era-lhes permitido voltar para junto deles elas levavam-lhes um aleitamento defeituoso; como poderiam as pobres criancinhas resistir às cruéis misérias com que a avareza dos brancos cercava seus berços? Nas fazendas em que há algum cuidado com os negros dão-lhes alimento três vezes ao dia, sendo a comida farinha de mandioca e carne-seca cozida com feijão preto. Em outras fazendas os escravos não recebem nenhuma alimentação; mas, além do domingo dão-lhes outro dia por semana a fim de que trabalhem por própria conta. É fácil compreender que esse último sistema deve ter graves inconvenientes para os negros recém-chegados da costa da África, para os preguiçosos, os viciados, aqueles enfim, verdadeiramente numerosos, aos quais não é possível induzir à previdência. É preciso que os brasileiros sejam tão estranhos à ideia do futuro quanto os próprios índios, para que não vejam que se continuam surdos à voz da humanidade, deveriam ao menos por interesse próprio cuidar de seus escravos.

[413]

No dia seguinte à minha chegada a São Bento, que era dia de festa, vi o pátio da fazenda encher-se de gente das vizinhanças que vinha à missa. As negras estavam com a cabeça envolvida em um pano negro, à moda das espanholas; quanto às mulheres livres traziam *manteaux* de pano grosso, cor de azeitona, bordados de veludo negro. Estas tinham belos olhos negros, porém não eram bonitas; pálidas, sem graça.³¹

³⁰ Nota 50: “Consultando Pizarro, escritor exato e consciencioso, ver-se-á que estou longe de exagerar”.

³¹ Nota 6 (Cap VI): “Não somente o Dr. Tavares diz mais ou menos a mesma cousa da cor dos habitantes das margens da lagoa Feia, mas ainda, faz deles a mais triste descrição”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865 – 1866**. São Paulo: Edusp, 1975

ANDRADE, Helena Aparecida Bonilha de. **O Brasil na visão de um viajante europeu: John Mawe**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2258-8.pdf>

BATES, Henry Walter. **O naturalista do rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944

BIARD, François Auguste. **Dois anos no Brasil**. Tradução de Mario Sette. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás**. In: CHAUL.Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). *Goiás: Identidade, paisagem e tradição*. Ed. Da UCG; Goiânia, 2001.

EBEL, Ernest. **O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824**. Trad. e notas de Joaquim de Sousa Leão Filho. São Paulo, Ed. Nacional, 1972.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes no Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935 (Biblioteca Pedagógica Brasileira; Brasiliana, Série V, Vol. LVI).

GRAHAM, Maria. **Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada nesse País durante Parte dos Anos de 1821, 1822 e 1823**. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo. Cia Editora Nacional, 1956

KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James Cooley. **O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo v.1 (1941)**. Tradução: Elias Dolianit. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1941

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

LEITÃO, Cândido de Mello. **O. Brasil visto pelos ingleses. Viajantes ingleses**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. **Visitantes do Primeiro Império**. Coleção Brasiliana 32. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

LEITHOLD, Theodor von, RANGO, Ludwing von. **O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819**. Trad Joaquim de Sousa São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. **O Olhar sobre a mulher goiana na bagagem dos viajantes**. Disponível em

http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/14_ClaudiaLemes_OOiharSobreAMulherGoiana.pdf

NORA, Pierre, in NORA, Pierre (org.), **Les Lieux de La Mémoire**. Vol. I. Paris: La République, 1984.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (29/01/1822 – 05/05/1822)**. Tradução Revista e Prefacio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974

_____. **Viagem à Província de Santa Catarina**. Tradução Carlos da Costa Pereira. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1836.

_____. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia / EDUSP, 1975

_____. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e pelo litoral do Brasil**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941.

http://www.ifch.unicamp.br/cecult/viajantes/banco/s_fichas.htm último acesso em 22 de fevereiro de 2015.